

A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA, 16 - 22 DE NOVEMBRO 1987



CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Ficha técnica:

Coordenação - Luis Alves da Silva

Rui Mateus

Design gráfico - Rui Mateus

Secretaria/Processamento de texto: M^a da Graça Colaço

Composição - Gabinete de design / C.A.M.

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda / Santa Maria da Feira

Edição - Campo Arqueológico de Mértola

Exemplares - 500

Depósito legal - 51346/91

Ilustração da capa:

Tijela do século XI, de provável origem tunisina (Museu de Mértola)



A CERÂMICA MEDIEVAL NO MEDITERRÂNEO OCIDENTAL

LISBOA
16 -22 novembro 1987

Edição:
CAMPO ARQUEOLÓGICO DE MÉRTOLA

Apoio:
ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO PATRIMÓNIO DE MÉRTOLA
CÂMARA MUNICIPAL DE MÉRTOLA
COMISSÃO DE COORDENACÃO DA REGIÃO ALENTEJO
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO CULTURAL
JUNTA NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1991

Tema 4

A cerâmica medieval em Portugal

Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço-cisterna de Silves

Mário VARELA GOMES, Rosa VARELA GOMES

1. O poço-cisterna. Descoberta e trabalhos arqueológicos.

1.1. Nos finais de 1979 o Sr. José Luís Cabrita, activo protector do património histórico-arqueológico do concelho de Silves (fig. 1), alertou-nos para a existência de uma pequena galeria aberta no sub-solo da adega que constituía o piso térreo de um prédio, dos finais do século XIX, situado na Rua da Porta de Loulé (fig. 2). Este havia sido, recentemente, adquirido pela Câmara Municipal de Silves à família de Rodrigues Garcia. De facto, verificámos, naquela data e com Caetano de Mello Beirão, a grande antiguidade da construção e a necessidade de ali se procederem a escavações arqueológicas, tendo em vista o seu completo reconhecimento e a sua caracterização cronológica e funcional.

Com o apoio da Câmara Municipal de Silves, de que era então presidente o Dr. Rui Morais, e da sua vereadora do pelouro da cultura, a Sr^a D. Josefa Cabrita, iniciámos os trabalhos de escavação em que também colaboraram os arqueólogos Caetano Beirão e José Luís de Matos.

Cedo constatámos que o troço da galeria, ao qual se descia por uma estreita abertura rasgada no piso da adega e que servia de esconderijo aos seus proprietários, se desenvolvia em degraus, tanto no sentido ascendente como descendente. Logo nos primeiros dias localizámos duas janelas que abriam para um espaço interior que depois, a partir da escavação do solo da adega, identificámos como um grande poço. Estava, assim, descoberto o poço-cisterna (fig. 3), cuja tipologia construtiva, assim como os dados arqueológicos disponíveis, nos permitiram classificar, posteriormente, como uma notável obra, almoada, do século XII (fig. 4).

1.2 Esta primeira intervenção arqueológica em Silves estendeu-se, ainda, à escavação da área envolvente da base de uma torre albarrã, igualmente do período almoada, adjacente à muralha que cerca a medina e junto ao local onde foi construído o poço-cisterna. Nela participaram não só funcionários camarários, estudantes do nível liceal e universitários, como muitas outras pessoas que, assim, nos

ajudaram e mostraram o seu interesse pelo passado da cidade.

Sucessivas campanhas de escavações, inteiramente subsidiadas pela Câmara Municipal de Silves e contando com o apoio dos seus presidentes José Francisco Viseu e José Viola, têm posto a descoberto este importante monumento, entulhado nos finais do século XVI. Edificado bem próximo da denominada Porta da Almedina ou Porta de Loulé, encontra-se adossado ao interior da muralha que cercava o tecido urbano da cidade medieval, ali bem mais espessa, certamente para melhor suportar as tensões que provoca, constituindo um sistema estático em que também se inclui a torre exterior, ou albarrã, já referida. As três estruturas, erguidas num mesmo momento, funcionariam como um todo coeso, tanto em termos construtivos como arquitectónicos.

1.3. O poço-cisterna foi edificado com aparelho, cuidado e regular, de arenito vermelho da região de Silves ligado com terra, e é constituído por um grande poço com secção circular, medindo 2.45m de diâmetro na boca, e com mais de 18m de altura (fig. 5). A sua escavação não atingiu, ainda, o fundo (fig. 6). O espaço central é rodeado, até aos 15m de profundidade, por uma galeria em espiral, formada por uma escadaria, com 1.20 de largura e 2.20m de altura média, coberta por abóbadas de tramos segmentados e de perfil semicircular (fig. 8). Esta, abre para o poço através de uma porta. Três janelas, também com abóbadas de perfil semicircular (fig. 9), fazem a ligação entre a galeria e o poço; permitindo o acesso à água, consoante os diferentes níveis de enchimento, e o seu melhor arejamento. A primeira janela, a maior, quase que se situa frente à terceira e a segunda ocupa o espaço intermédio. Toda a construção parece ter sido rebocada, com argamassa de cal e areia, sendo depois estucada e caiada.

Esta obra foi, em parte, escavada no substrato rochoso, constituído por calcários e margas, do complexo margo-carbonatado de Silves, datado do Hetangiano - Triásico superior, e é servida por um nível friático que faz reestabelecer a altura das águas à cota dos 17m, contados a partir da sua boca.



Fig. 1 — Localização de Silves na Península Ibérica.

Existe em Tuna al Gabal, a sul do Cairo, um possível protótipo romano para o monumento de Silves, construído em tijolo e integrado num bem complexo conjunto de obras hidráulicas (Schieler, 1973, 141-145). Ressalta como principal paralelo, entre os dois monumentos, a galeria, com escada abobadada, e em espiral, comunicando, por janelas, com o interior do poço. No exemplar egípcio, aquela conduz até 14m de profundidade não atingindo, tal como no de Silves, o fundo.

A edificação do poço-cisterna de Silves destruiu outras estruturas defensivas anteriores à muralha almoada, aparentemente do início do período omíada. A escavação da sua área envolvente e, sobretudo, da zona que medeia entre a boca e a muralha almoada, ofereceu materiais tardo-romanos, ou visigótico-bizantinos, onde se inclui um fragmento de sigillata clara D estampada, reconhecendo-se os restos de um motivo zoomórfico do tipo Agnus-Dei. As evidências estratigráficas, e os materiais exumados neste sector da escavação, serão, oportunamente, dadas a conhecer.

1.4. O monumento que temos vindo a descrever não é mencionado no "Livro do Almojarifado de Silves" (Moreno, Leal e Domingues, 1984), elaborado no século XV, embora, como assinalámos, tenha sido entulhado, apenas, nos finais do século XVI. No entanto, na História do Reino do Algarve, escrita por Henrique Fernandes Sarrão, em 1609 (Guerreiro e Magalhães, 1983, 153), é citada uma "mina, que tem a boca em ua torre do muro da cerca da cidade, junto da porta dela, que vai ao rio por baixo do chão, e sai no pego de mafoma,

chamado assim porque (segundo se consta) nele se afogou o rei dessa cidade, que tinha esse nome, quando os Cristãos a tomaram. Leva a mina, no solo, ua calçada até dar naquele pego, e na entrada tem um portal de pedraria, e por esta mina iam os Mouros buscar água ao rio, para seu serviço". Registam-se neste texto aspectos já lendários, que a lógica e os dados históricos desmentem, como a morte de Ibn-al-Mahfut, o último governador muçulmano de Silves, que, de facto, não morreu junto ao Arade. Contudo, as referências à calçada e ao portal, assim como a que respeita à sua localização, ajustam-se às características do poço-cisterna. Igualmente, a função da construção, que era a de abastecer água a parte da cidade, é confirmada, restando em aberto se esta era, apenas, a recolhida nos eirados, e telhados vizinhos, como a provinda de uma nascente ou do possível nível friático ali existente, ou se haveria algum complexo sistema, através de uma couraça ali localizada, que enchesse o poço-cisterna e guardasse o líquido tão necessário nos períodos de prolongada estiagem. A água armazenada serviria não só para a alimentação e para a higiene quotidiana, dos habitantes desta zona da cidade, como poderia abastecer os banhos públicos, ou hammam, que o "Livro do Almojarifado" ainda recorda, ali bem perto, com a denominação de "chãos que em outro tempo foram banhos" (Moreno, Leal e Domingues, 1984, 13, 30).

1.5. As escavações efectuadas, neste arqueossítio, permitiram recuperar um notável espólio constituído por centenas de peças em cerâmica, algumas quase completas, como por outras de vidro, osso, ferro, bronze, pedra, restos de fauna malacológica e de vertebrados. Estes são

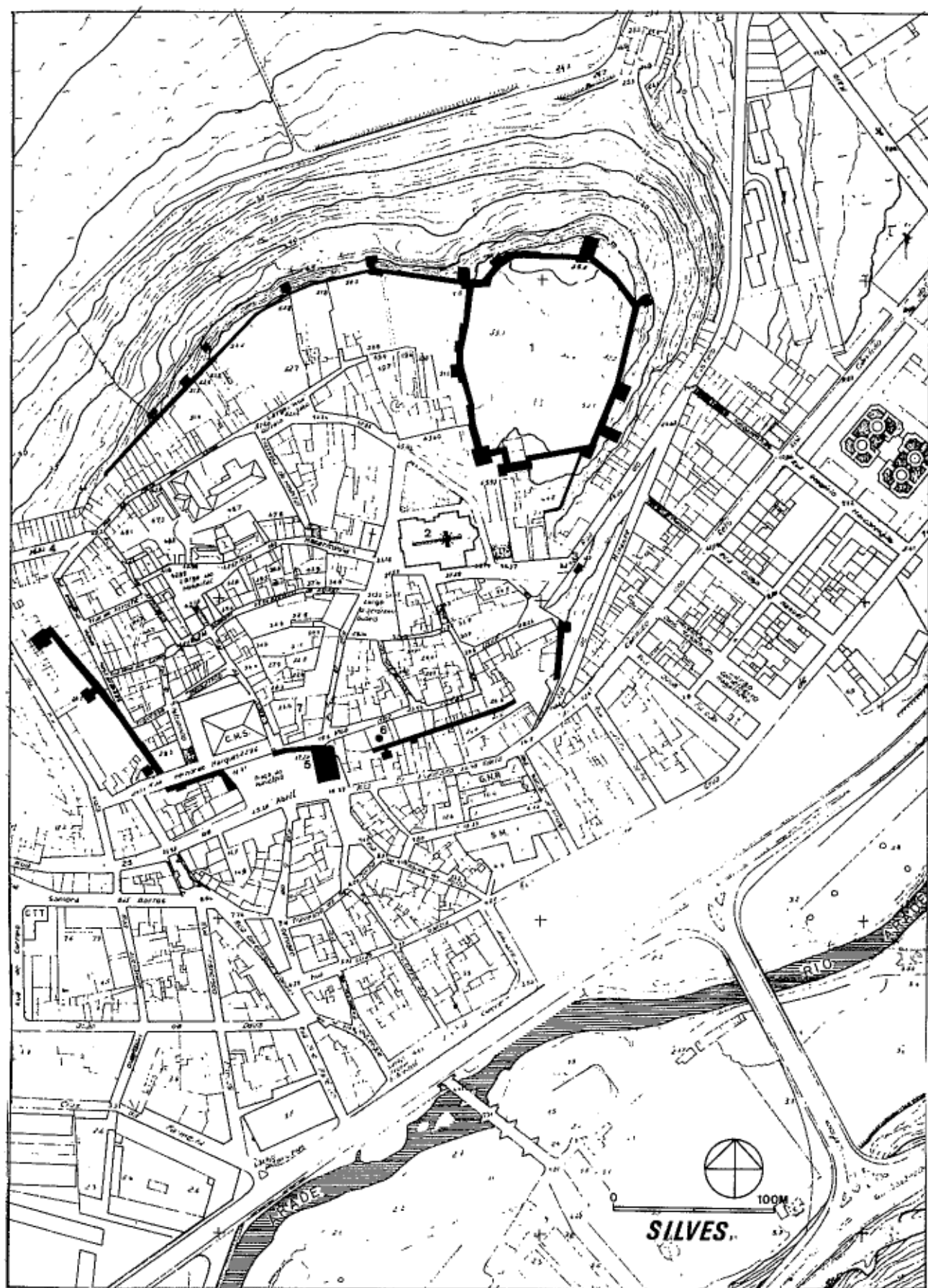


Fig. 2 — Planta da cidade de Silves (1-Castelo, 2-Sé, 3-Porta do Sol, 4-Porta da Azóia, 5-Porta da Medinã, 6-Poço-cisterna).

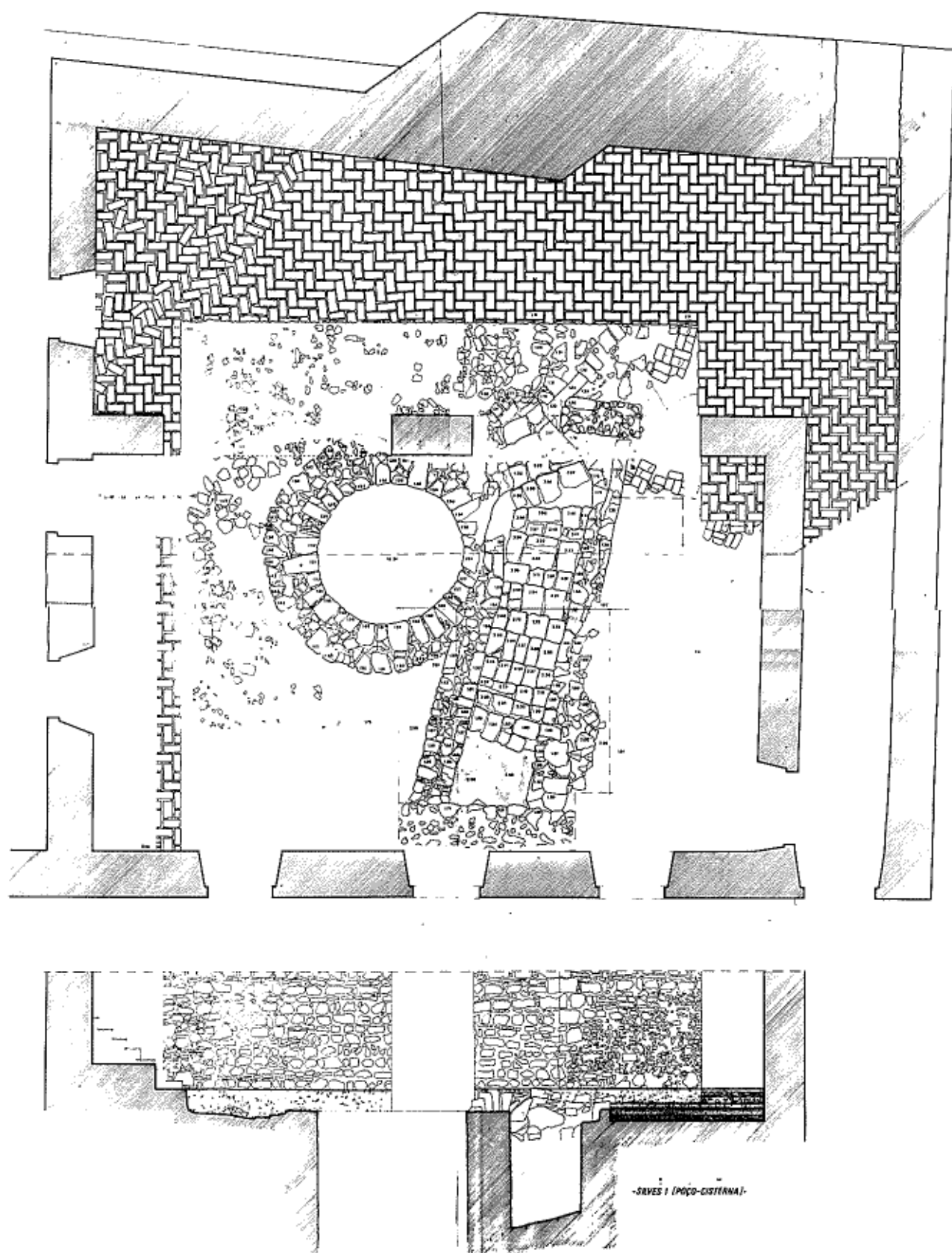


Fig. 3 — Planta e corte do poço-cisterna de Silves.

importantes testemunhos para a reconstituição da vida quotidiana dos portugueses, durante os séculos XIV, XV e XVI, sendo não só uma prova do seu estadió sócioeconómico, do intenso relacionamento cultural e comercial, como os primeiros, daquela época, descobertos no nosso país num claro contexto arqueológico. As datações das peças recolhidas no entulhamento do poço-cisterna têm vindo a ser verificadas, através de paralelos, com outras provenientes de sucessões estratigráficas de uma zona anexa e que abrangem um largo espectro cronológico entre os séculos VI-VII e o século XVII. Cinco reais cunhados no reinado de D. Sebastião (1568-1578) é, até, ao momento, a moeda mais recente entre cerca de centena e meia de numismas, maioritariamente datados dos finais do século XV e da primeira metade do século XVI, recolhidos nos entulhos do poço-cisterna.

Uma curta notícia sobre as cerâmicas importadas, dos séculos XV e XVI, e um outro trabalho que tratou das cerâmicas estampilhadas, muçulmanas e mudéjares, deram já a conhecer uma pequena parte do espólio recuperado neste monumento de Silves (Gomes e Gomes, 1984, 35-44; 1986, 127-141).

2. As cerâmicas.

A enorme e variada colecção de cerâmicas, exumada tanto no poço-cisterna como no pátio anexo que escavámos, constitui hoje a mais completa que conhecemos para o período medieval, encontrando-se uma boa representação de exemplares recuados da época muçulmana. As peças retiradas do interior do poço-cisterna incluem milhares de fragmentos de cerâmicas de uso comum, fabricadas com barros de pastas vermelhas, cinzentas ou de cores claras, por vezes com acabamento engobado, brunido, pintado ou vidrado, de cor verde, castanha ou melada, com óxido de ferro, de tradição muçulmana e a maioria, por certo, de fabricação local. Aliás, habitavam, em Silves, ao tempo em que foi redigido o "Livro do Almoxarifado", possivelmente de 1474, pelo menos três oleiros: Álvaro Gonçalves e Álvaro Afonso, moradores na Rua Direita, e Murça, residente na mouraria. Aqui existia um "forno de cozer louça", chamado "da mouraria", pertencente a Gil Vaz, antigo almoxarife, e a Nuno Rodriguez (Moreno, Leal e Domingues, 1984, 17, 26, 31, 33, 34). Também na Rua da Sapataria existia o "Forno Grandê de El-Rei", o "Forno do Corticinho" e o "Forno da Rua" que não sabemos se eram destinados a cozer pão ou loiça. No entanto, inclinamo-nos para a possibilidade de que fossem fornos para cerâmica e onde trabalhassem os dois oleiros cristãos acima mencionados, já que o muçulmano, Murça, utilizaria o "forno da mouraria", continuando, técnica e formalmente, a tradição dos oleiros almoadas que, por certo, ali viveram.

Virgílio Correia publicou, em "Documentos referentes a oleiros eborenses" (1918), notícia de um oleiro mouro que trabalhava em Évora, no ano de 1449, em terrenos contíguos aos de um oleiro cristão, assim como dá a conhecer dois outros, também cristãos, ali radicados em 1463.

Um conjunto de peças cerâmicas fabricadas com pastas muito bem depuradas, onde se identificaram púcaros e cântaros, com as superfícies engobadas e bem alisadas, decoradas com motivos brunidos, geométricos e fitomórficos, por vezes combinados com outros incisos e impressos, acompanhados por aplicações de pedrinhas de

quartzo brancas e, até, de pequenos fragmentos de vidros coloridos, devem provir de oficinas alto-alentejanas como Estremoz, Évora e Nisa. Um púcaro com a pasta e a superfície repleta de pequenas pedrinhas, de quartzo, deve pertencer à antiga produção de Montemor-o-Novo, activa até ao século XVIII, referida no "Inventário de Bens da Infanta D. Isabel", filha de D. Manuel, de 1525, e elogiada por Duarte Nunes de Leão em 1599 (Vasconcellos, 1921, 25; Parvaux, 1968, 7,15).

Centenas de fragmentos, de escudelas e de pratos, fabricados com pastas claras, beges e cremes, esmaltados a branco, com óxido de estanho e alguns, mais raros, com grandes manchas e escorridos de cor verde, em tom forte, de óxido de cobre, ou com pinturas em azul de cobalto, podem ser procedentes de Málaga, Sevilha, Talavera, Coimbra, Caldas, do Montijo ou de Lisboa (Vasconcellos, 1921, 30,31), o mesmo acontecendo com a loiça de barro vermelho vidrada a verde.

Um outro núcleo de cerâmicas, bem mais requintadas, faianças e porcelanas, claramente importadas encontraram-se em menor quantidade e puderam ser classificadas como pertencentes às oficinas valencianas, de Paterna e Manises, às raras e apreciadas majólicas italianas e holandesas, e, um número reduzido, às preciosas porcelanas chinesas.

2.1. As produções locais e regionais.

2.1.1. As panelas e as caçoilas, ou frigideiras, são as peças, vidradas, que encontramos com maior abundância no poço-cisterna de Silves (fig. 10). Ambas as formas, com múltiplas alterações, oferecem o mesmo tipo de fabrico, utilizam pastas de cor vermelha, não muito bem depuradas, apresentando o interior e o bordo vidrado com óxido de chumbo, transparente, assim como abundantes escorridos sobre as paredes exteriores. Mais raramente mostram ambas as superfícies revestidas de vidro.

As primeiras peças referidas têm corpo globular, achatado, fundo ligeiramente convexo, bordo vertical com lábio espessado, de perfil semicircular, e são munidas de duas asas opostas, de secção oval, ligando o colo ao bojo.

As frigideiras, de forma hemisférica achatada, com fundo convexo, têm, por vezes, duas asas horizontais, opostas, e bordos espessados com lábio de perfil semicircular ou biselado.

Estas duas formas, e as suas variantes, cuja cronologia é difícil de fixar, mas que aqui não são posteriores aos finais do século XVI, encontram, no entanto, antecedentes nas produções almoadas conhecidas em Silves nos séculos XII e XIII, onde os bordos biselados são comuns. Pode observar-se a representação de uma caçoila, a par de um fogareiro e de um jarro com tampa, formas também presentes neste contexto de Silves, no Presépio pintado pelo Mestre do Paraíso, de 1520-1539, hoje no Museu Nacional de Arte Antiga (Santos, 1940, CXXVII) (fig. 11).

2.1.2. Igualmente de tradição muçulmana serão as escudelas, ou malgas, as taças e os pratos, totalmente cobertos de vidrado com cor castanha e tom melado (fig. 12).

As escudelas mostram carenas altas, fundo côncavo e ônfalo, ou assentam num pé, em anel, com perfil recto ou biselado. As paredes destas peças são, no geral, espessas e os lábios, quase sempre verticais ou ligeiramente extrovertidos, apresentam perfil semicircular. As formas com o pé em anel encontram abundantes paralelos em taças carenadas (ataifores ou conical plates) provenientes do estrato almoada do Castelo de Silves onde oferecem idêntico tratamento das

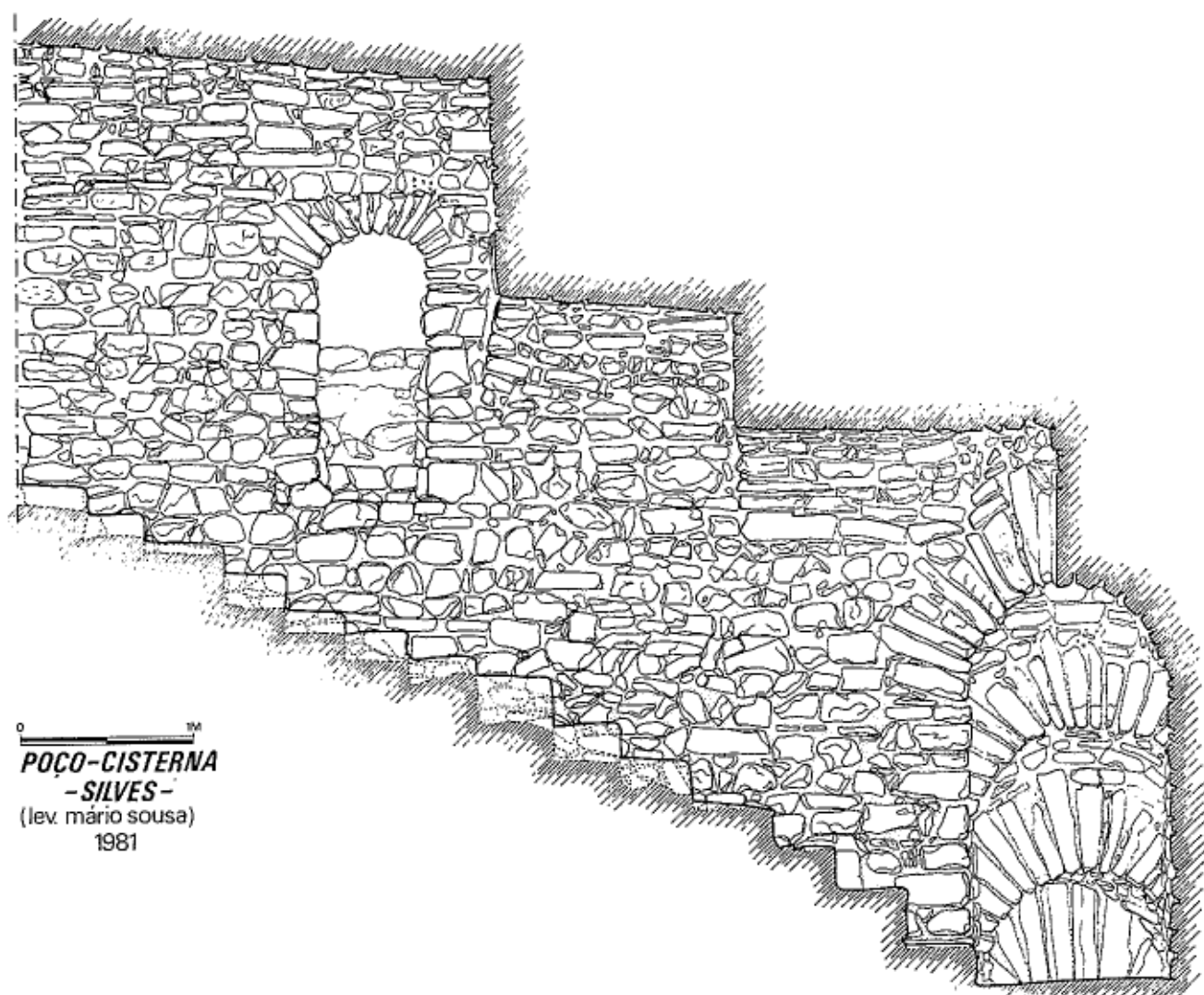


Fig. 4 — Alçado de um sector da galeria envolvente do poço-cisterna de Silves.

superfícies. Contudo, em Alcácer Ceguer, praça-forte ocupada pelos portugueses entre 1458 e 1550, as escudelas meladas, também ali mais raras que as esmaltadas de branco, parecem provir dos níveis tardios (Boone, 1984, 78, 80). As escudelas com o pé em anel mostraram, todavia, serem mais abundantes que as de fundo côncavo, que sugerem ser uma variante antiga. Em Silves, estas últimas, oferecem não só maior robustez como menores dimensões, medindo os seus diâmetros, no bordo, cerca de 0.15m, e 0.06m a 0.07m de altura total.

Os pratos, com as superfícies meladas, oferecem fundos reentrantes e, um deles, uma ligeira saliência em redor da base que não podemos chegar a considerar como pé. Alguns apresentam, no interior, um filete, em relevo, demarcando o fundo. Os bordos são oblíquos ou sub-horizontais; por vezes ligeiramente extrovertidos, em alguns casos demarcados por uma fina incisão, e têm lábios com secção semicircular. Uma destas peças exhibe, sobre o bordo, uma retícula, irregular, pintada, com óxido de manganês, de cor negra arroxeada, integrada numa espécie de cartela delimitada pela aresta do bordo e por dois traços paralelos

pintados na mesma cor. No interior do fundo continha outro motivo, ainda com cor idêntica, de que restam apenas dois pequenos traços. Encontrámos um prato muito semelhante em Alcácer Ceguer, com motivo floral ao centro, datado por C.L. Redman (1980, 259, fig. 4-J) como do período muçulmano tardio ou do início do período cristão desta praça e, portanto, de meados do século XV.

Uma taça com as superfícies meladas, apresenta o pé alto e espesso, em anel, e o bordo largo, sub-horizontal, em aba, com lábio de perfil semicircular, demarcado na superfície superior por uma incisão. Tanto o perfil do pé destas peças, como o tratamento dado às suas superfícies lembram, de novo, as formas almoadas onde se conhecem, embora raramente, bordos horizontais.

Nestas produções, com vidrado melado, de óxido de ferro, em tons que variam do castanho claro, amarelado, ao castanho esverdeado, mais ou menos escuro, denso ou transparente, pertencentes a um período que medeia os séculos XIV e a primeira metade do século XVI, detectam-se algumas inovações em relação à olaria tradicional usada na Silves almoada, tanto ao nível formal como funcional. São



Fig. 5 — Poço-cisterna. Aspecto durante a escavação (RV/88-24).

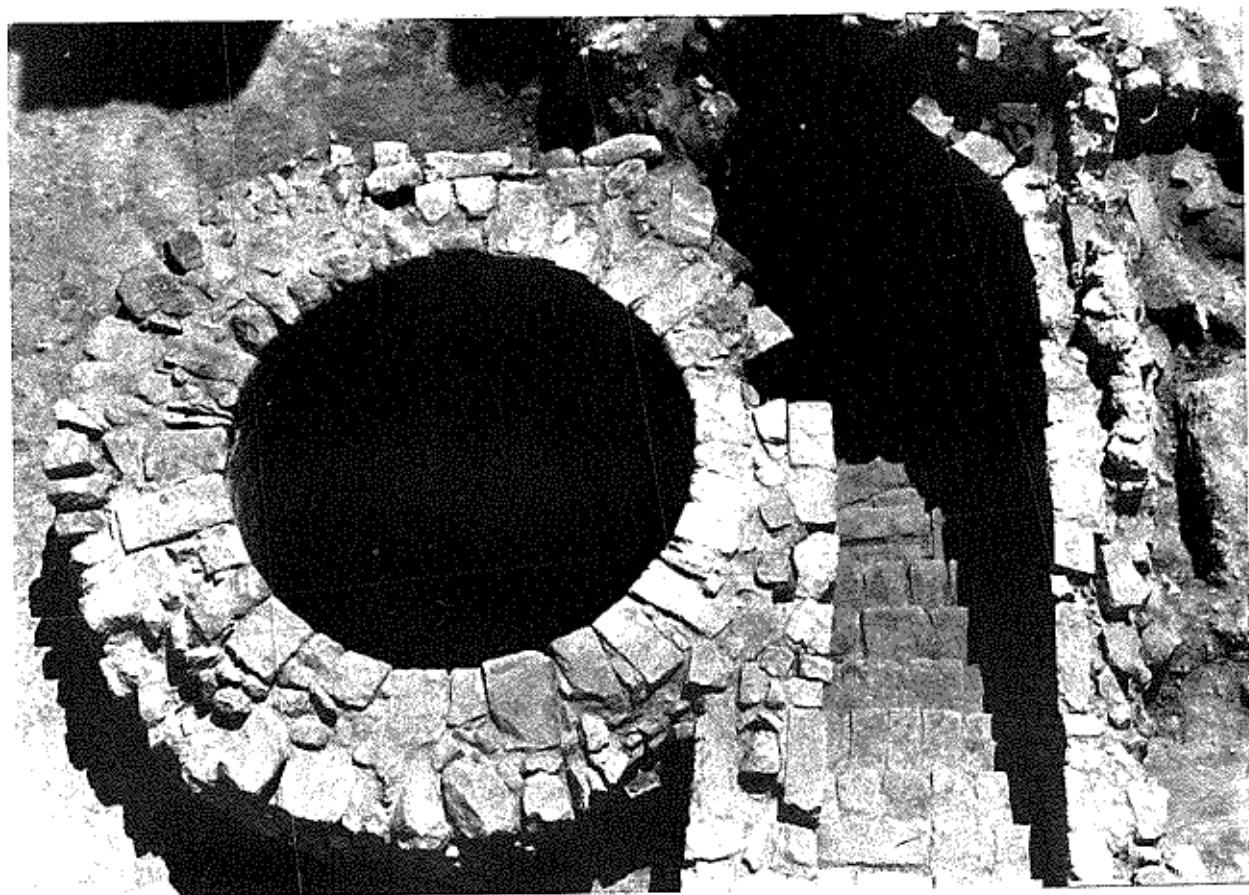


Fig. 6 — Poço-cisterna. Aspecto durante a escavação (RV/88-9).



Fig. 7 — Poço-cisterna. Aspecto da galeria envolvente (RX/79-30).

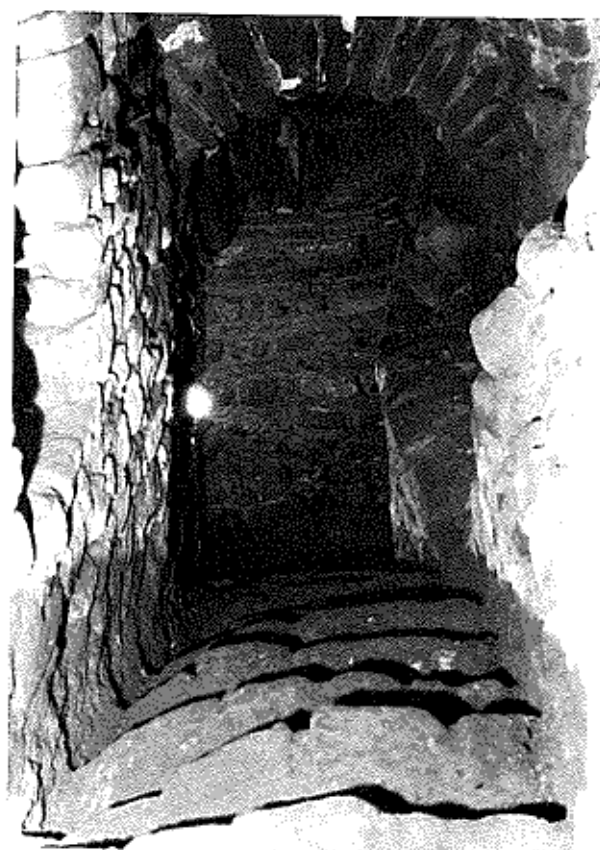


Fig. 8 — Poço-cisterna. Aspecto das abóbadas da galeria envolvente (RX/79-32).

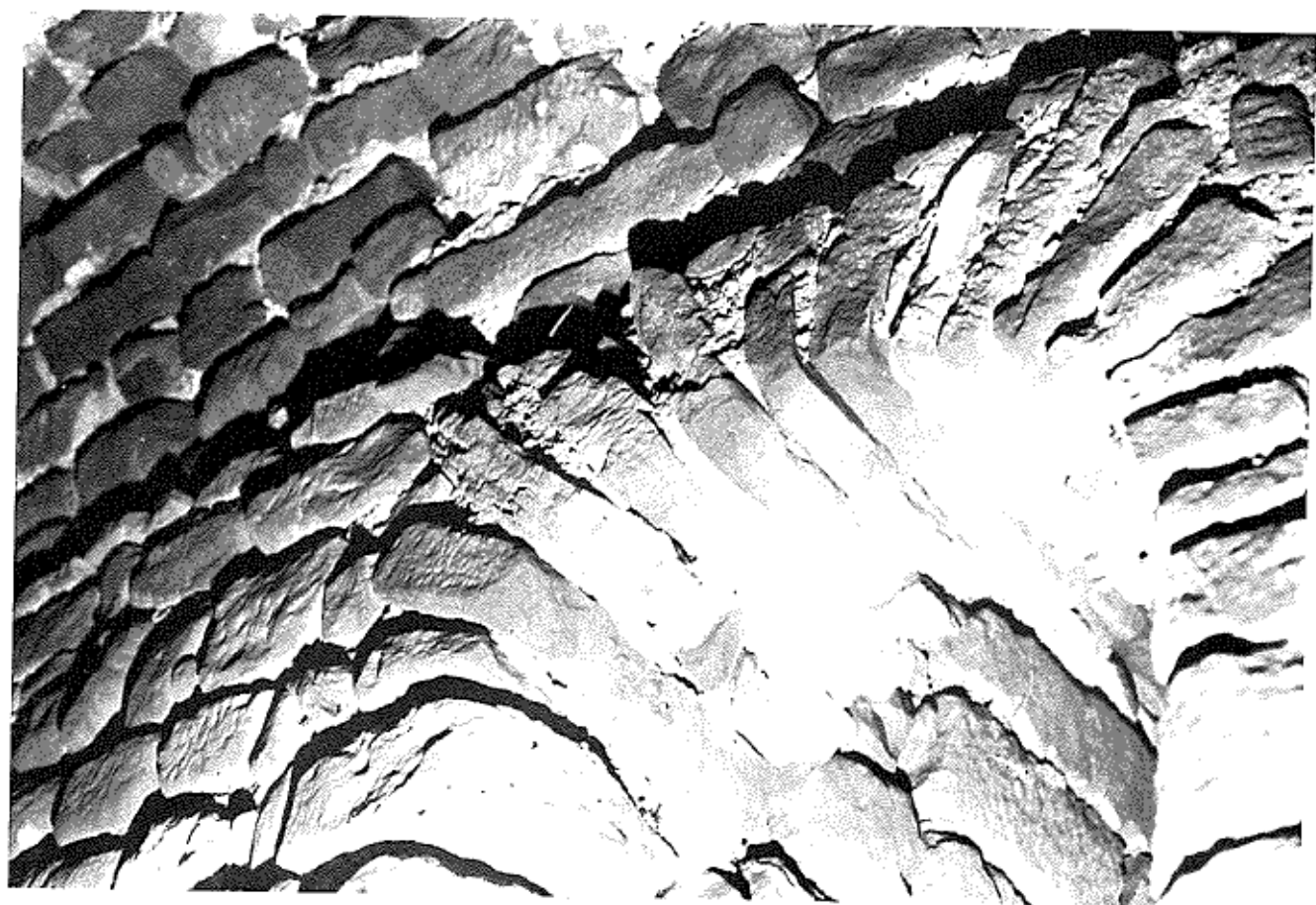


Fig. 9 — Poço-cisterna. Aspecto do arco de uma das janelas (RVII/79-36).

exemplo disso a introdução de peças como as pequenas escudelas e os pratos, as formas com fundos côncavos ou os bordos largos e horizontais. É, de facto, na loiça de mesa que se dão as transformações mais profundas, pressentindo-se uma clara mudança dos hábitos alimentares, onde se apercebe certa individualização nos modos de comer, que o grande número de escudelas e pratos, encontrados nos níveis medievais portugueses, demonstra. Este fenómeno cultural permitiu a presença e a difusão, muito alargada, do mesmo tipo funcional de peças que com os comerciantes, aventureiros e colonos, portugueses e espanhóis, atingiram ambas costas de África, do Oriente e a América.

2.1.3. Contudo, talvez as cerâmicas mais divulgadas, durante os séculos XV e XVI, sejam as escudelas e os pratos esmaltados de cor branca. É possível que as primeiras tenham chegado importadas de Málaga, conforme o nome primitivo "malega branca" (opus maleche, malica) parece indicar, da região valenciana, ou, quiçá, de Sevilha, onde a corte e as ordens religiosas portuguesas se abasteciam de azulejos policromos. Por certo, terão sido cedo fabricadas em Portugal, no Barreiro, em Lisboa (pelos menos desde 1566) ou, talvez mesmo, no Algarve.

No "Livro das Vereações" de Coimbra, dos anos de 1583-1585, encontrou Teixeira de Carvalho (1921, 56) o registo da "Carta de Exame", de 1584, do malagueiro Brás Miguel, que assim passava a poder exercer o seu ofício no fabrico de malegas verdes e amarelas.

Tanto diferentes posturas municipais de Coimbra como as "Cartas de Oleiro" e de "Oleiro e de Malagueiro", como o "Regimento" dos seus malagueiros, do século XVI, diferenciavam, claramente, os oleiros, de barro vermelho, dos malagueiros de "barro branco" ou de "louça branca" (Carvalho, 1921, 20, 43), em outros locais ainda denominada louça de Pisa, de Veneza, ou "malaga de Flandres" (Simões, 1959, 27). Também na própria cidade de Lisboa, no Bairro da Esperança, por exemplo, fabricavam-se, na segunda metade do século XVI, grandes quantidades de loiça branca (Carvalho, 1921, 157).

Igualmente nos "Regimentos dos Ofícios", reformados por Duarte Nunes de Leão em 1572, especifica-se o que devem fazer os oficiais para serem examinados em loiça vermelha, verde ou branca; esta ali denominada "de Talavera" (Vasconcellos, 1921, 39).

As formas esmaltadas de cor branca, reconhecidas em Silves, confinam-se, por ora, às escudelas e aos pratos. As primeiras (fig. 13), oferecem três tipos: hemisféricas achatadas, as mais pequenas, com fundos planos ou ligeiramente côncavos, e diâmetros nos bordos que rondam os 0.12 m; e as carenadas com base reentrante ou assentes num pé em anel. Estas últimas, que apresentam abundantes variantes, são, no geral mais baixas que as suas congéneres meladas e as paredes estão verticais ou sub-verticais, inclinadas para o exterior, conhecendo-se algumas um pouco côncavas.

Os lábios destas escudelas têm secção semicircular, embora alguns apresentem tendência, no interior, para biselado. O anel do pé pode ter perfil vertical, inclinado ou, ainda, mostrar uma aresta a meio, havendo casos em que são demarcados, por uma gola incisa, do corpo da peça.

A qualidade dos esmaltes dos exemplares recolhidos, a maioria muito deteriorada pelo meio aquoso das condições de jazida, varia não só na cor, que pode ser branca rosada,

amarelada, esverdeada, azulada ou arroxeada, como no brilho, mais intenso em algumas e degradado em outras que se apresentam mates, como na sua pior, ou melhor, fixação e conservação.

Recolhemos, também, escudelas carenadas, de fundo côncavo, com duas pegadas, ou asas, horizontais e opostas. Estas são polilobuladas e encontram-se decoradas com motivos, fitomórficos, moldados.

2.1.4. Os pratos (fig. 14), em menor número que as escudelas, oferecem, geralmente, paredes oblíquas, sub-horizontais, espessas, bases côncavas, marcadas no interior por um ônfalo, bem saliente, em alguns exemplares rodeado por um filete relevado que delimita o fundo. Estas peças, mais recuadas que as de fundo simples e liso, aproximam-se da forma de alguns dos pratos melados referidos anteriormente e parecem reproduzir protótipos metálicos, como algumas alfaia litúrgicas. Os diâmetros dos bordos oscilam entre 0.185m e 0.235m, e as secções dos lábios são semicirculares.

Registou-se, ainda, o aparecimento de pratos com forma hemisférica achatada, fundo quase plano, e bordo horizontal com 0.02m de largura.

Tanto algumas escudelas carenadas, com o pé em anel, como pelo menos um prato com ônfalo, bem marcado no interior do fundo, apresentam grandes manchas de cor verde forte, sobre o esmalte branco, que, em certas peças, chegam a ocupar metade de ambas superfícies. Segundo informação pessoal de Cláudio Torres, que agradecemos, nos fornos do Barreiro terão sido encontradas inúmeras peças idênticas, pelo que podemos estar perante um centro produtor cujas vendas antigiriam o Algarve. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (1921, 65, nota 166) relata que Joaquim de Vasconcellos terá descoberto, nas arrecadações do Convento da Madre de Deus, muitas peças idênticas a estas.

Um prato, de pequenas dimensões, oferece nas duas superfícies o que julgamos ser uma variante daquela decoração, constituída por pequenos traços e pingos escuridos de cor verde.

2.1.5. Grande número destas escudelas e pratos mostram, na parede exterior do fundo, marcas de propriedade, abertas depois das peças estarem esmaltadas, assim como evidentes sinais de utilização intensa.

Aquelas marcas, muito simples, formadas por grupos de pequenos pontos, traços ou cruces de diferentes formatos, devem-se, por certo, a cuidados higiénicos e profiláticos especiais, permitindo a cada pessoa do agregado familiar, de uma corporação militar ou religiosa, reconhecer a loiça que habitualmente utilizava, assim evitando possíveis contágios que as grandes epidemias e pestes faziam temer. As enormes quantidades de cerâmicas, por vezes completas, que exumamos em níveis medievais parece, igualmente, ser um reflexo daqueles cuidados de saúde, inutilizando-se, por sistema, as peças pertencentes a indivíduos mortos por doença e, até, verdadeiras baixelas de famílias desaparecidas do mesmo modo.

2.1.6. São totalmente esmaltadas, de cor verde, algumas taças, hemisféricas, com o pé em anel. Oferecem o interior, e o bordo, com aquele mesmo tratamento e cor, um pequeno vaso de quarto, com forma troncocónica, bordo horizontal e

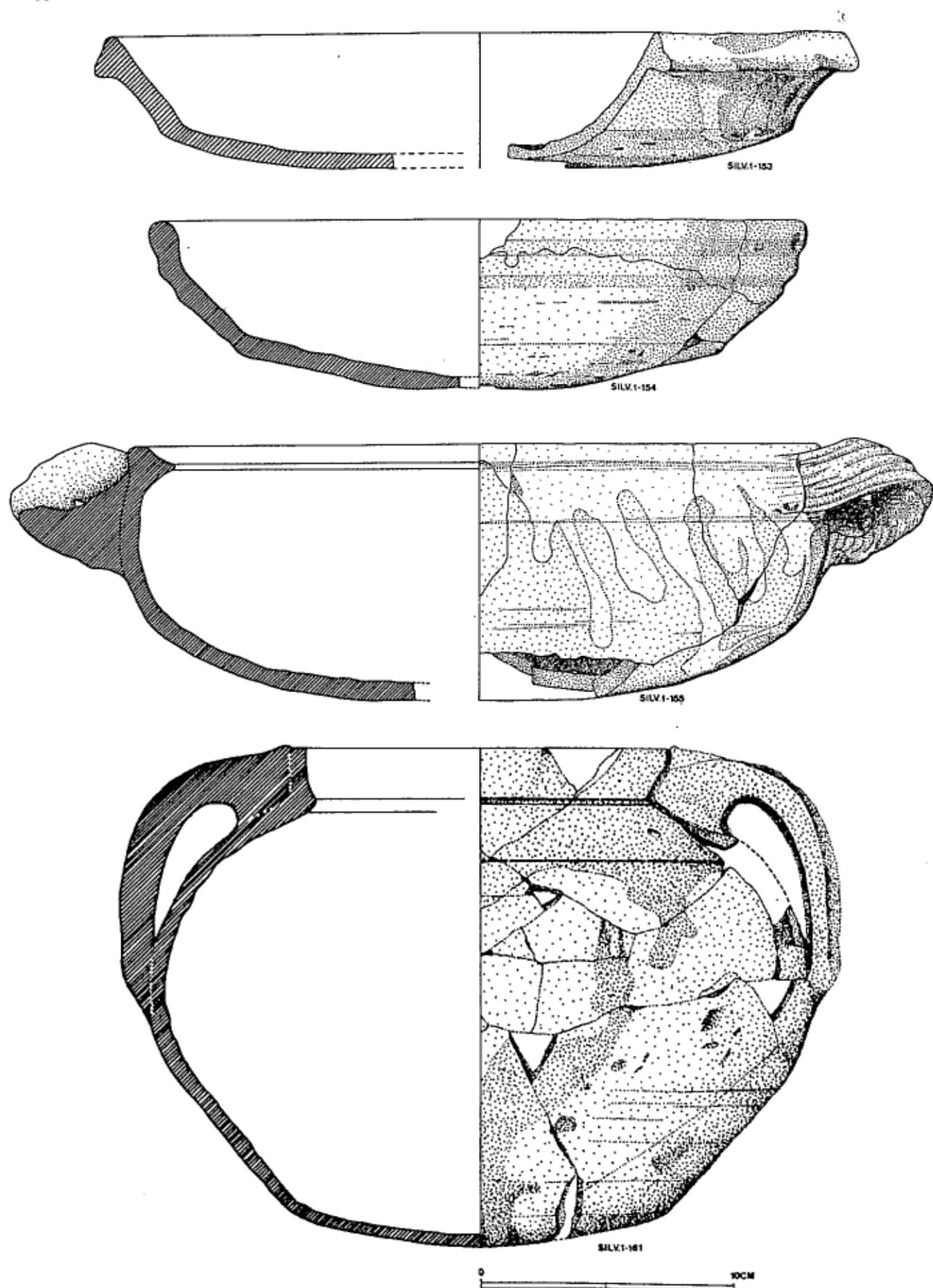


Fig. 10 — Poço-cisterna. Frigideiras e panela (des. de M. Carmo e M. V. Gomes).



Fig. 11 — "Presépio" do Mestre do Paraíso (pormenor) (M.N.A.A.).

uma asa, um almofariz e um cantil, com gargalo alto, bordo extrovertido e duas asas semicirculares opostas (fig. 15), assim como uma extensa colecção de alguidares. Estes têm fundos planos, paredes inclinadas e diâmetros, no bordo, que variam entre 0.32m e 0.75m. Os bordos podem ser oblíquos, planos ou extrovertidos e têm lábios de secção semicircular ou biselados. Por vezes surgem, sob a superfície interna do bordo, decorações incisais, constituídas por conjuntos de linhas paralelas ou onduladas. Alguns mostram, na superfície exterior do bordo, impressões deixadas por uma ou mais cordas que terão servido para ajudar a suportar a peça quando da sua secagem. Não se conhecem, ainda hoje, os locais de fabrico destas vasilhas, com usos muito diversificados, que, certamente, se produziram também no Sul do país.

2.2. Produções valencianas (Paterna, Manises) e andaluzas.

Algumas peças, quase completas, e um bom número de fragmentos de outras, com características pinturas de cor verde, castanha violácea, azul de cobalto ou com reflexo metálico, denunciam aspectos dos contactos comerciais e culturais da então capital do Algarve com as principais oficinas de cerâmica peninsulares, nomeadamente com as de Paterna e Manises. Estas, instaladas sobre o rio Turia, haveriam de exportar as suas manufacturas para o Sul de França, para Itália, diferentes pontos do Norte de África e, até, para a Grã-Bretanha, Países Baixos e Bálticos (Hurst, 1986).

Não se tinham, no entanto, documentado, entre nós, cerâmicas importadas, do século XIV ao XVI, em contextos datáveis conhecendo-se, contudo, peças cuja proveniência se ignora e que integram colecções públicas e privadas.

2.2.1. Um fragmento de prato, medindo 0.26m de diâmetro e com paredes espessas, decorado com linhas circulares concêntricas, estreitas e largas, ou constituídas por pequenos pontos, com motivos fitomórficos, no bordo, de cor verde, de óxido de cobre, e castanha violácea de manganês, sobre esmalte branco, encontra paralelos nas produções, da segunda metade do século XIV, de Paterna.

Esta oficina terá iniciado a fabricação deste tipo de loiça no último quartel do século XIII (1285), prolongando-a durante todo o século seguinte e pelos inícios do século XV (Elum, 1986, 163; Pascual e Martí, 1986, 9, 138; Sánchez-Pacheco, 1981, 57). Idênticos motivos florais, em forma de bolbo e de flor, observam-se em muitas peças atribuídas àquela olaria.

2.2.2. Igualmente, fragmentos de escudelas e de pratos, recolhidos no poço-cisterna, decorados com elementos fitomórficos, geométricos e pseudo-epigráficos, integrados em cartelas formadas por linhas circulares, paralelas, pintadas, de cor azul de cobalto e castanha violácea, sobre esmalte branco, poderão pertencer à produção daquela mesma oficina, dos séculos XIV e XV, ou à sua congénere de Manises (fig. 16). De facto, Paterna iniciará a decoração com azul de cobalto em meados do século XIV, com motivos onde se descobrem a "árvore da vida", sendo logo seguida por Manises (Elum, 1986, 163; Lerma, Martí, Pascual, Soler, Escribà e Mesquida, 1986, 190).

Uma das escudelas recolhidas, tal como um dos pratos, apresenta fundo côncavo, embora ofereça paredes pouco espessas. Nestas peças reconhecem-se representações de pinhas, bolbos, folhagens, entrelaçados, alalias e séries de pontuações; motivos já presentes na produção verde-manganês e que também se observa na azulejaria azul-manganês, do século XV, de Manises (Sánchez-Pacheco, 1981, 71). Estes temas decorativos inspiram-se em formas existentes no repertório das cerâmicas muçulmanas, tanto peninsulares (nasrís), como persas e egípcias, agora continuadas pelos mudéjares valencianos. O tema da alafia (felicidade), reduzida à letra X entre barras verticais, que observamos num dos pratos de Silves, encontra paralelos não só nas produções douradas como em fragmentos provenientes do Hospital de Santa Cruz de Barcelona, onde foi utilizado na cor azul sobre superfícies brancas, classificadas como do século XV (Daoulatti, 1980, 351, 352).

2.2.3. Outro conjunto de peças (fig. 17), que inclui pratos e escudelas carenadas com pé em anel, apresenta decoração muito simples, em cor azul de cobalto, sobre superfícies esmaltadas de branco. Um dos pratos, recolhido quase completo, oferece apenas estreitas linhas concêntricas no interior: duas junto ao bordo e duas outras demarcando o fundo. Construído com paredes finas, mede 0.23m de diâmetro no bordo, mostra ônfalo bem saliente, assim como um filete, em relevo; atributos que indicam ser uma peça recuada, da segunda metade do século XIV ou do século XV.

Um das escudelas, talvez do mesmo período do prato que acabamos de referir, tem quatro finas linhas concêntricas no interior, junto ao bordo, assim como um possível motivo fitomórfico, de carácter heráldico, no fundo. Teorias de traços paralelos, arqueados, decoram as paredes exteriores desta peça.

Uma segunda escudela oferece uma palmeta ou árvore estilizada, a "árvore da vida", representada pelo contorno, de cor azul, no centro do fundo. Uma peça semelhante de Paterna, dos séculos XIV ou XV, está decorada, no interior, com uma casa flanqueada por torres gémeas e entre elas vê-se uma meia palmeta, de traçado caligráfico, idêntica à que se observa na peça de Silves (Martí, 1944, 208, fig. 245).

O fragmento, contendo o fundo, de outra escudela com o pé em anel, mas mais baixo que as agora referidas, possuindo esmalte melhor conservado e muito brilhante parece ter pertencido a uma peça tardia (séc. XVI). Exibe, no

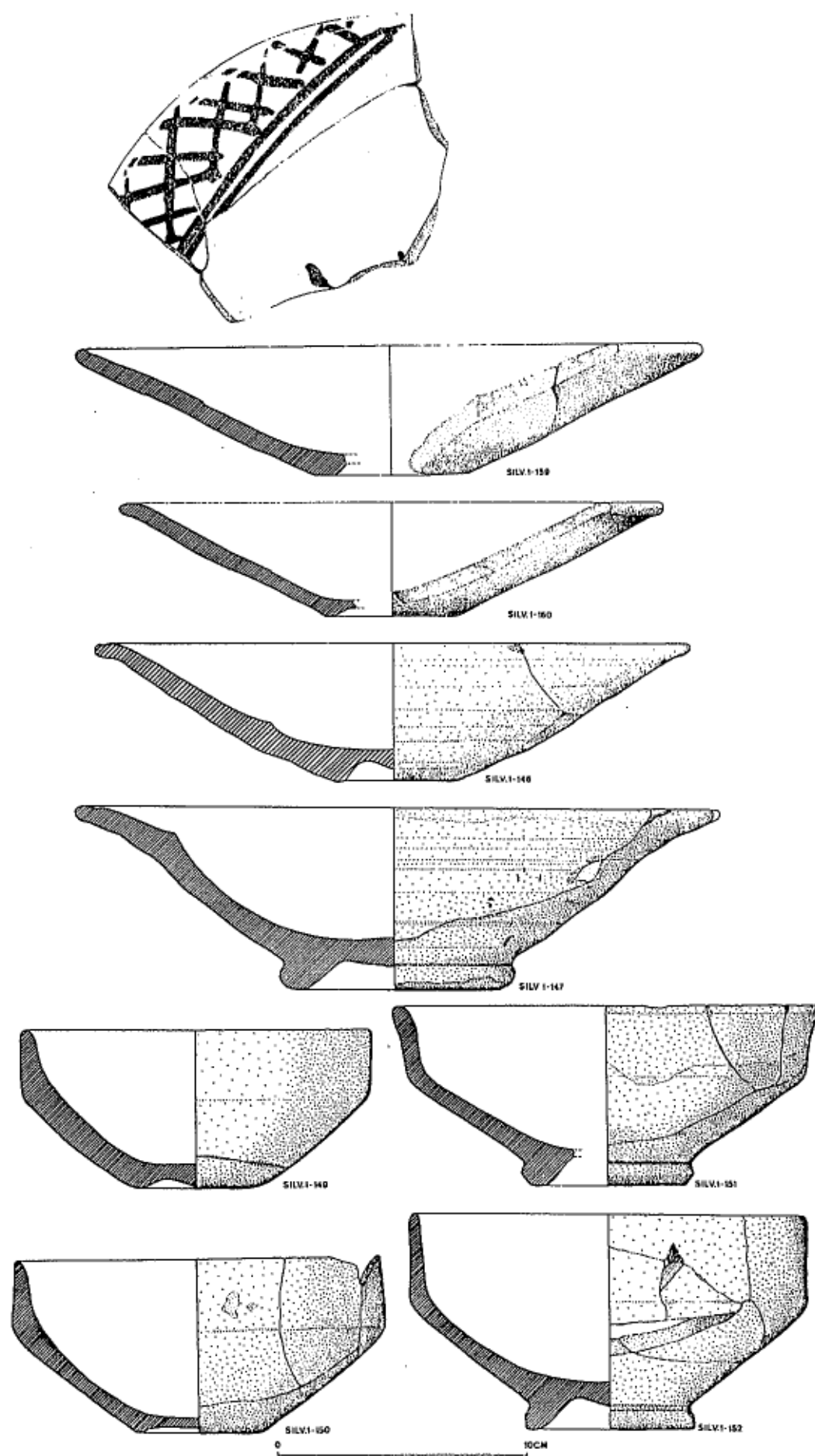


Fig. 12 — Poço-cisterna. Pratos, taça e escudelas meladas (des. de M. Carmo).

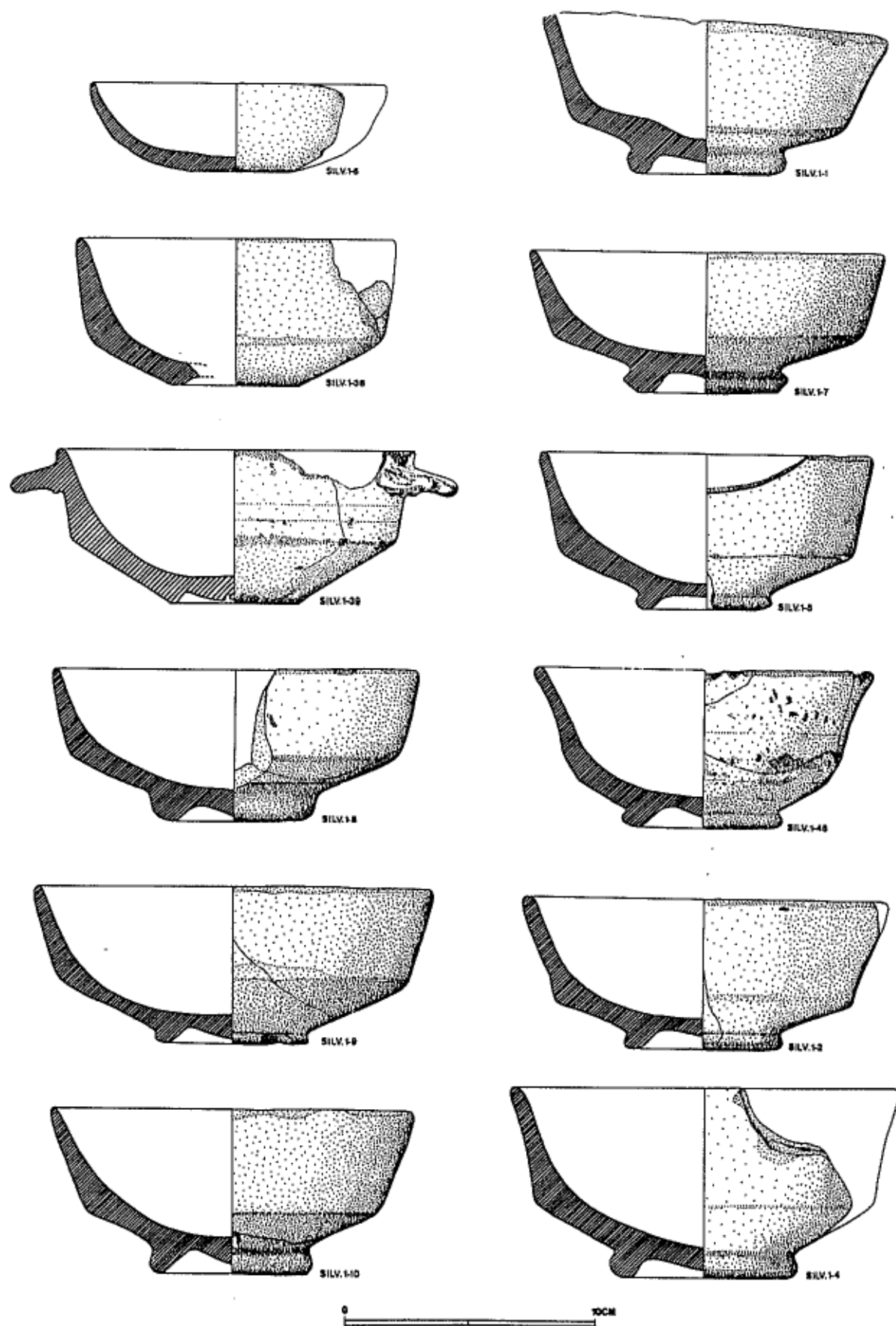


Fig. 13 — Poço-cisterna. Escudelas esmaltadas a branco (des. de M.Carmo).

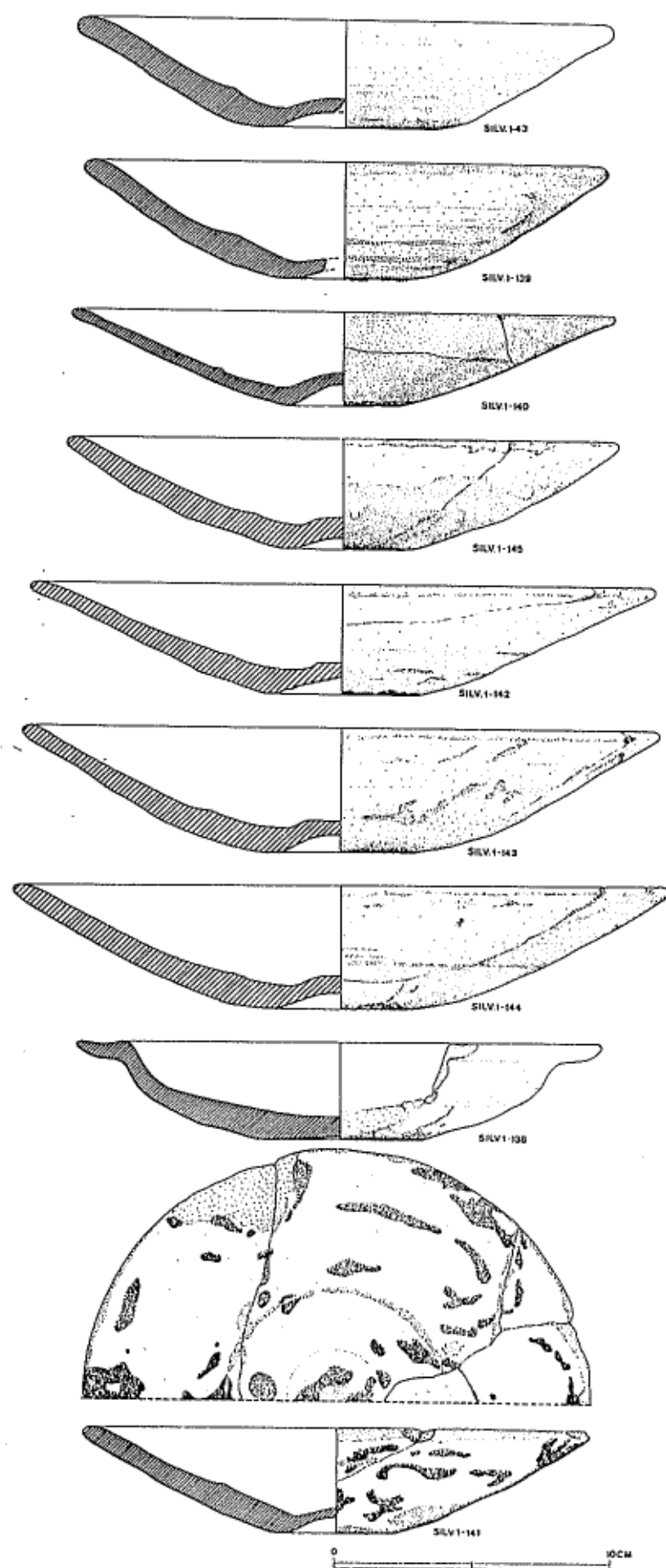


Fig. 14 — Poço-cisterna. Pratos esmaltados a branco e, um deles, com esmeridos de cor verde (des. de M. Carmo).

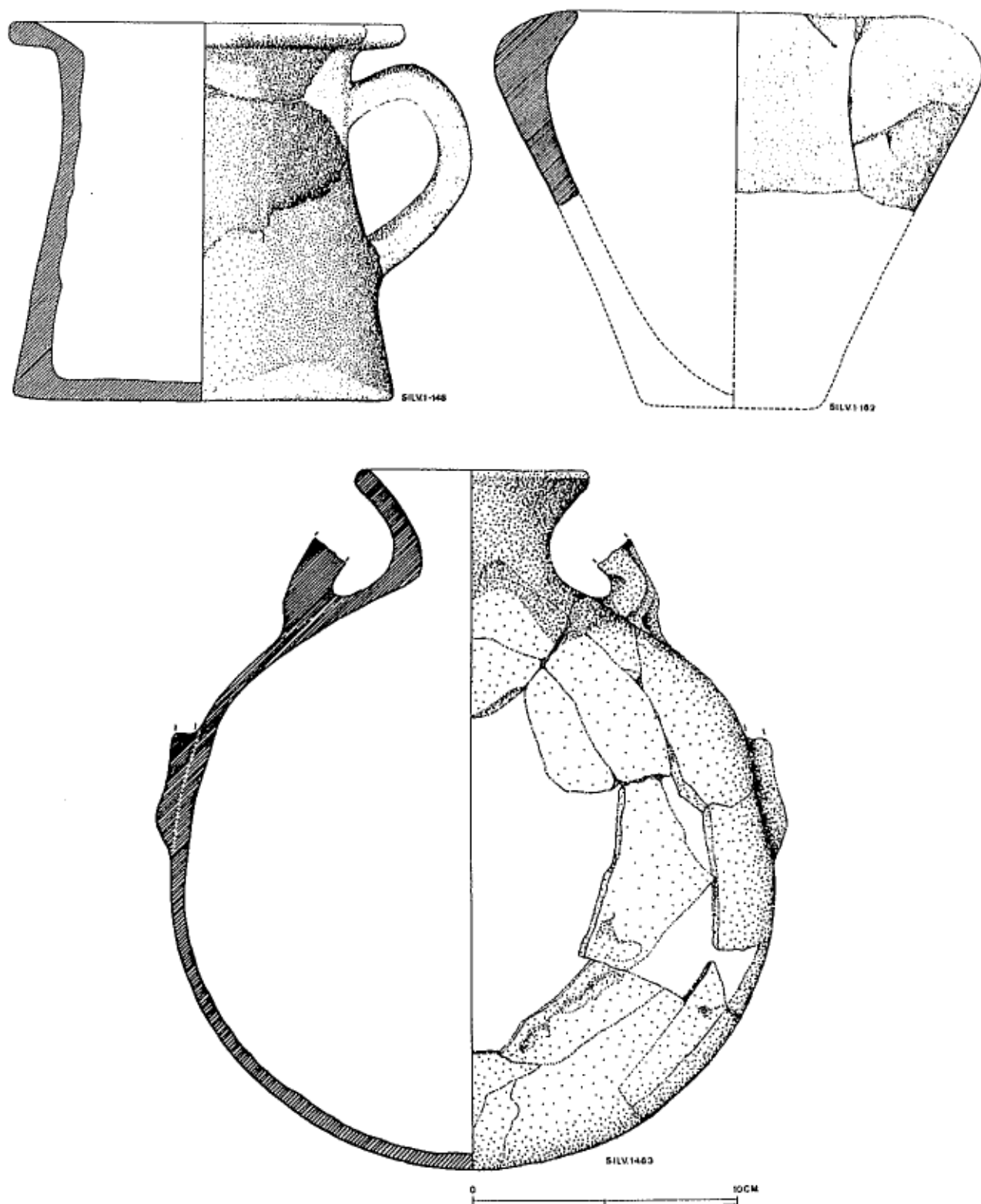


Fig. 15 — Poço-cisterna. Vaso de quarto, almofariz e cantil (des. de M. Carmo).

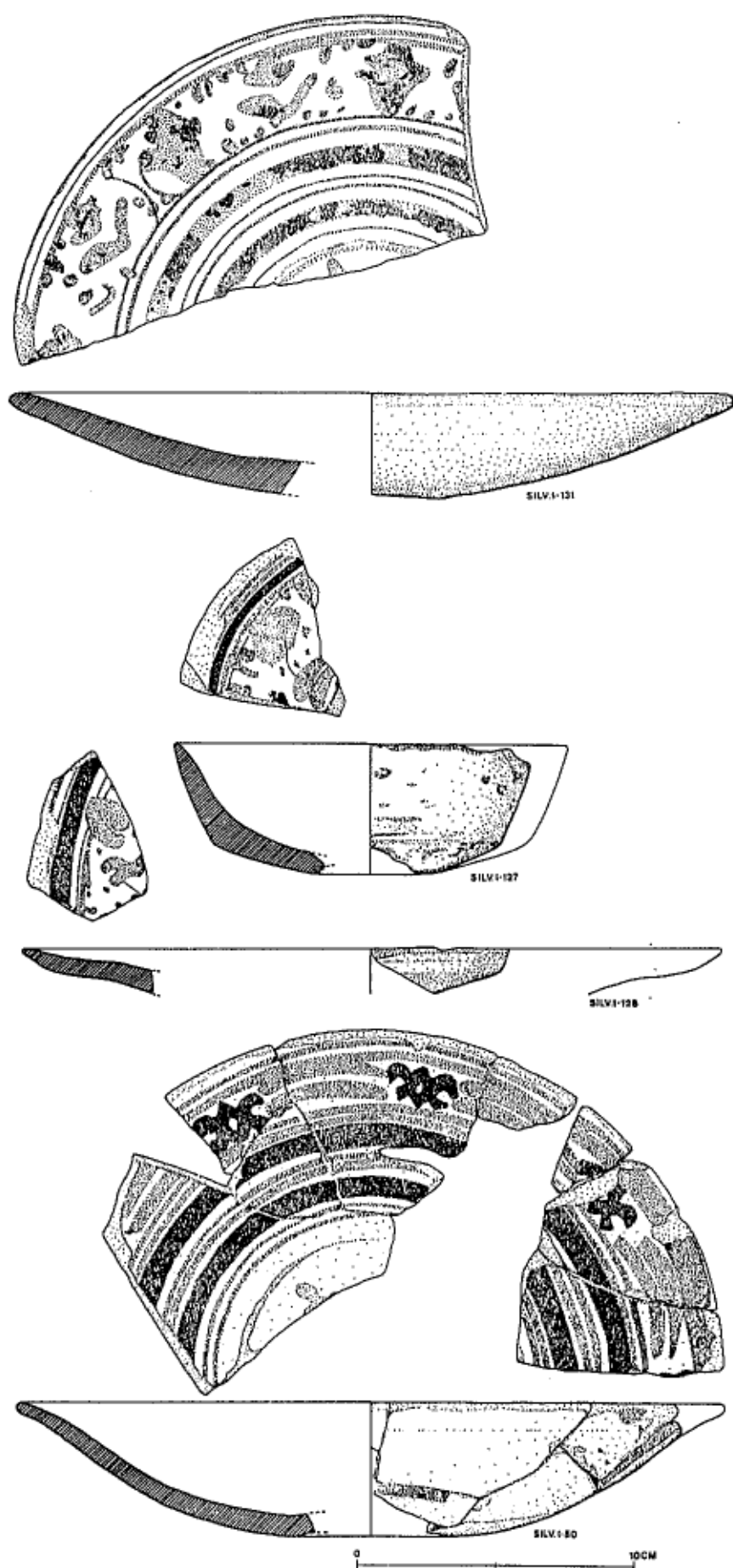


Fig. 16 — Poço-cisterna. Pratos e taça com decoração verde-manganes e azul-manganes (des. de M. Carmo).

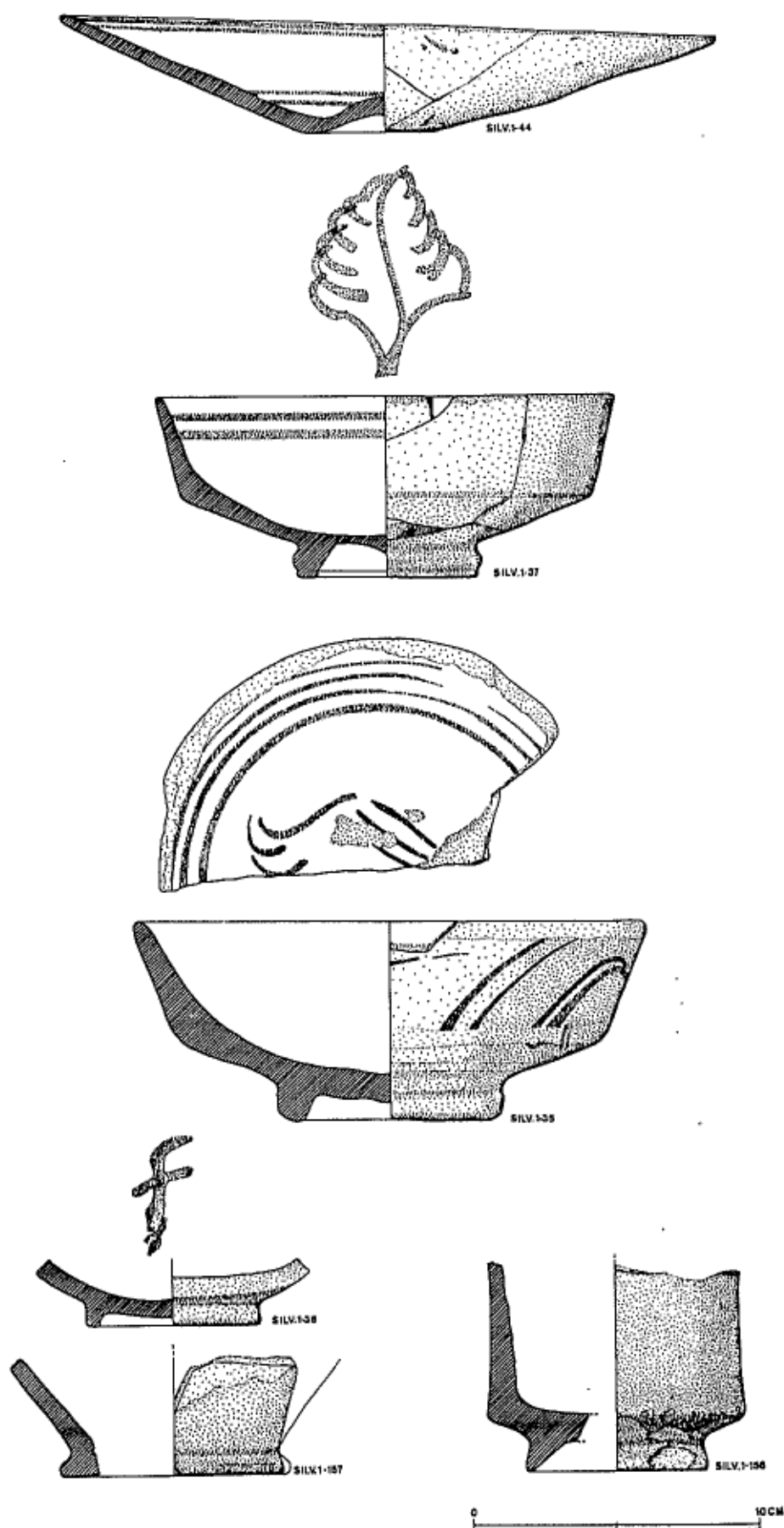


Fig. 17. — Poço-cisterna. Prato, escudelas e albarda, com decoração azul (des. de M. Carmo).

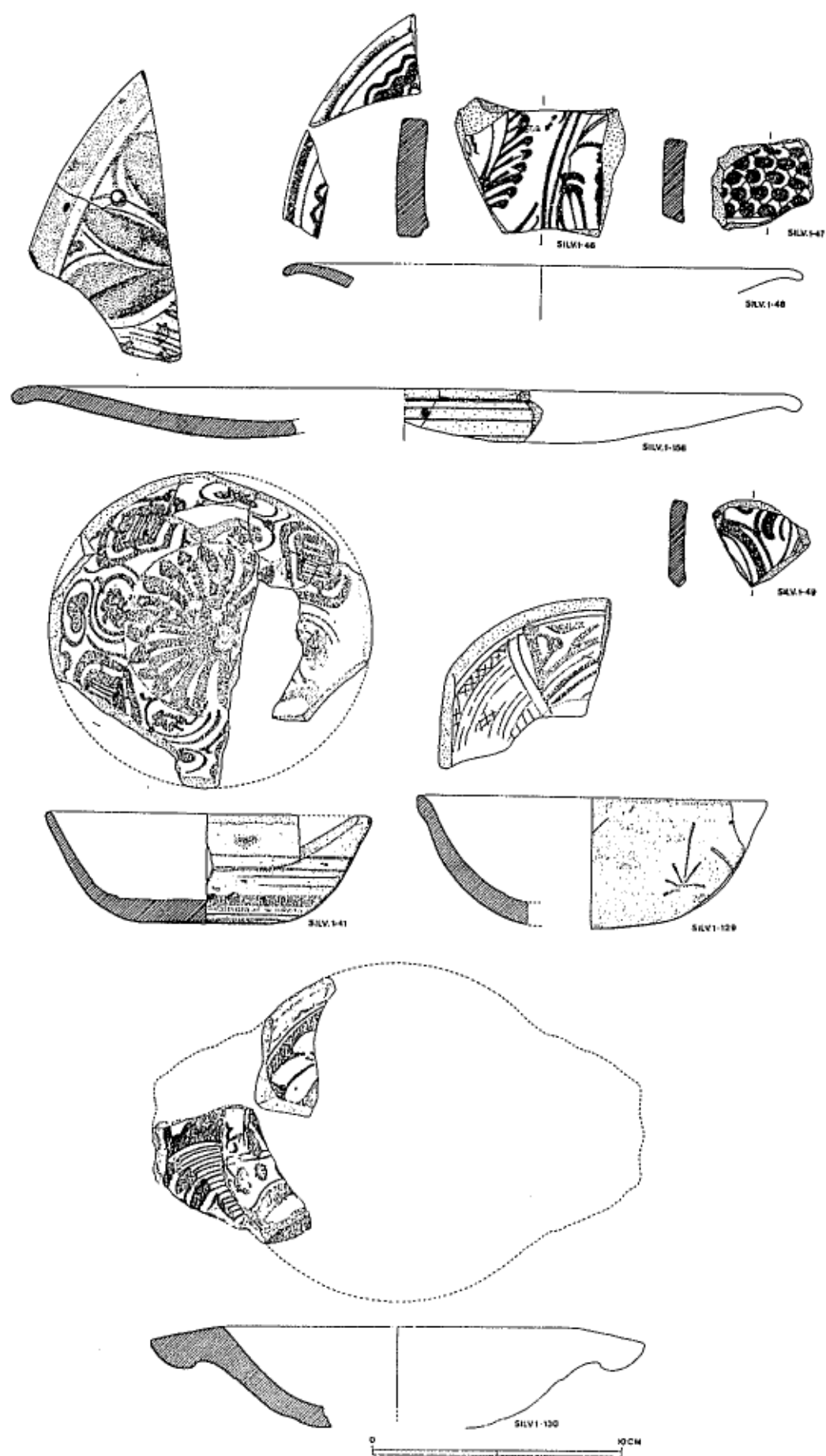


Fig. 18 — Poço-cisterna. Pratos e escudelas com decoração dourada (des. de M. Carmo e L. A. Filipe)

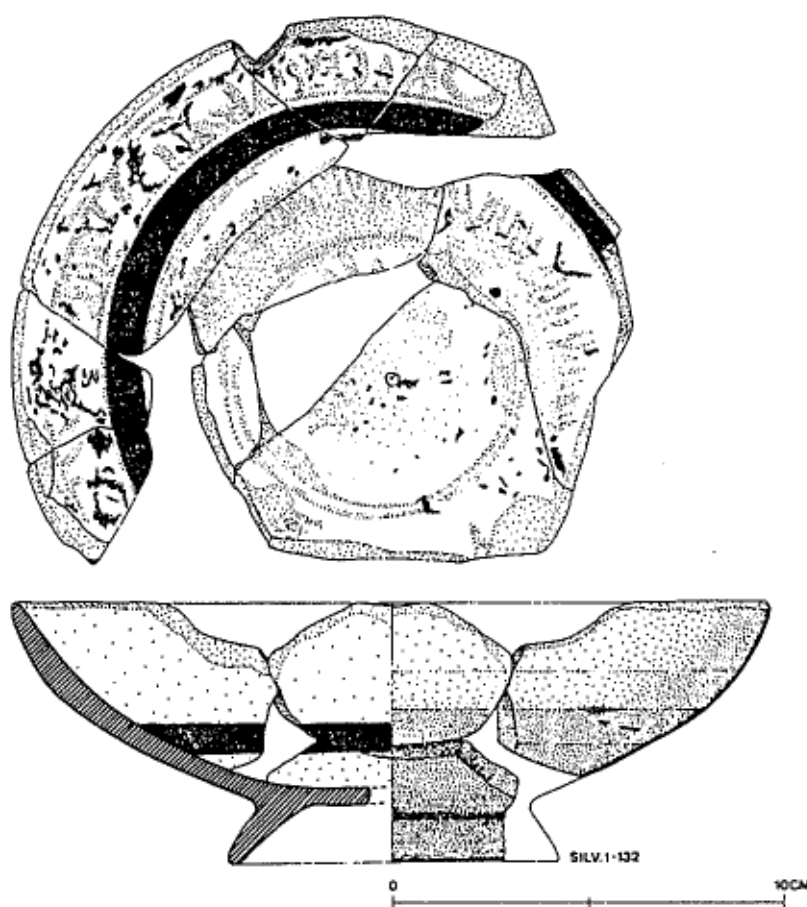
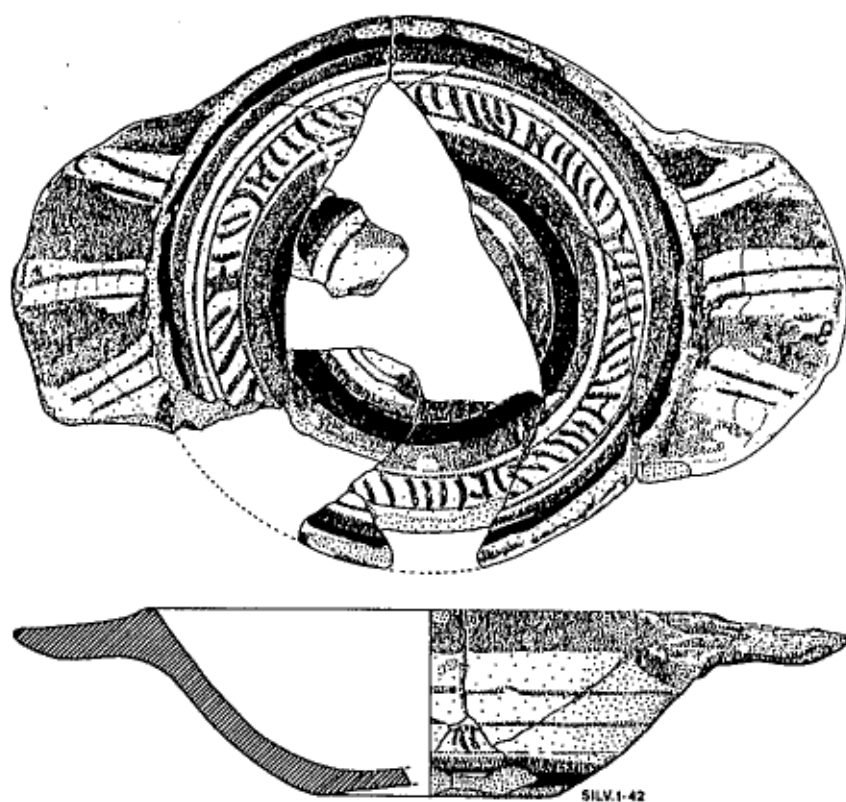


Fig. 19 — Poço-cisterna. Escudela e taça com decoração azul e dourada (des. de M. Carmo e L.A. Filipe).



Fig. 20 — "S. Cosme e S. Damião" de Garcia Fernandes (pormenor) (M.M.C.).

Fig. 21 — "Morte da Virgem" de Garcia Fernandes — Cristóvão de Figueiredo (pormenor) (I.P.F.).

Fig. 22 — "Morte da Virgem" de Garcia Fernandes — Cristóvão de Figueiredo (pormenor) (M.N.A.A.).

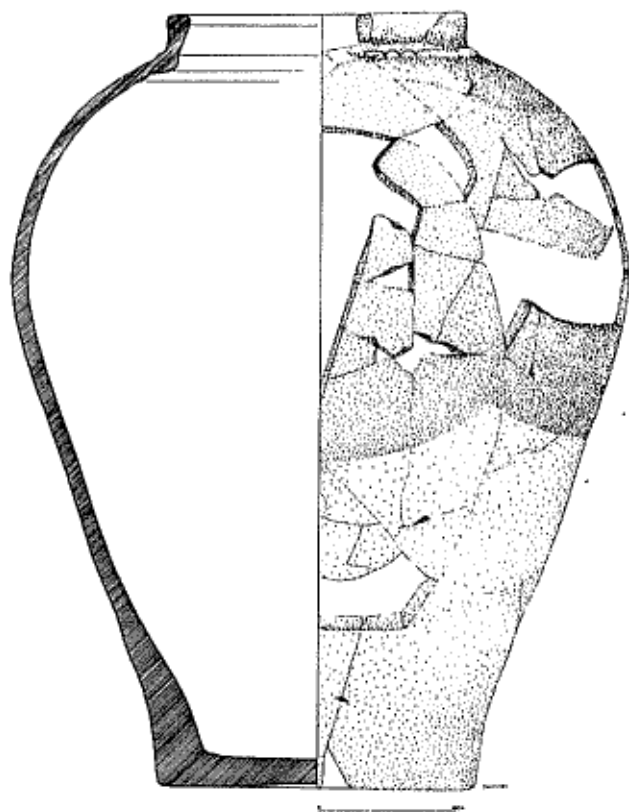


Fig. 23 — Poço-cisterna. Talha (des. de M. Carmo e M. V. Gomes).

centro, a inicial F; letra que indica, muito provavelmente, ter sido propriedade da Ordem de S. Francisco. Esta tinha, de facto, um pequeno convento nas vizinhanças de Silves, pertencente aos frades Capuchinhos do P. S. Francisco, mandado edificar pelo bispo D. Manuel de Sousa (1537-1545), sendo também referido, em 1577, por Frei João de S. José (Guerreiro e Magalhães, 1983, 45).

O fragmento com porção do pé, em anel, de uma albarela, ou manga de farmácia, assim como outro com base plana, em bolacha, pertencente a um jarro, ambos com as paredes exteriores cobertas com esmalte de cor azul de cobalto e sem reservas, poderão fazer parte, ainda, do fabrico, dos finais do século XIV ou do século XV, de algumas das duas oficinas valencianas que temos vindo a referir.

2.2.4. Um terceiro grupo de cerâmicas individualiza-se por utilizar a técnica decorativa conhecida como do lustro dourado ou de reflexos metálicos (fig. 18), por vezes combinada com pintura de cor azul de cobalto, preenchendo extensivamente o interior das peças com motivos fitomórficos, epigráficos e geométricos. Alguns destes são, ainda, de clara influência oriental, como já recordámos, e, sobretudo, nazarí. No espólio cerâmico proveniente do poço-cisterna, de Silves, estas decorações foram aplicadas sobre fundos esmaltados, de cor branca por vezes ligeiramente rosada, de pratos e escudelas. Tanto a técnica do reflexo metálico como a utilização do esmalte de cor azul de cobalto eram, embora aplicados separadamente, conhecidos nas cerâmicas do nível almoada (séculos XII-XIII) do Castelo de Silves, sendo, mesmo, aquela primeira ornamentação detectada, embora com origem fatímida, na

sua ocupação do período califal (século X) (Gomes, 1987, 138, 140-142, 155, 156, 169, 170).

Uma pequena escudela, medindo 0.13m de diâmetro no bordo, de fundo espesso, ligeiramente reentrante, mas de paredes finas, encontrada quase completa, fabricada com pasta de cor bege, rosada, apresenta no interior profusa decoração floral, de reflexos metálicos, com cor dourada. Mostra o fundo preenchido por uma grande flor de pétalas radiais ondulantes, como uma rosácea ao gosto gótico, oferecendo nas superfícies das paredes interiores quatro grandes bolbos intervalados com igual número de conjuntos de volutas, duplas, que terminam num dos lados num trevo e, no oposto, numa margarida. Estes motivos são envolvidos por caules ondulados, dando-lhes unidade. A superfície exterior está decorada com finas linhas paralelas.

Os bolbos são, talvez, um dos temas decorativos mais recorrentes em toda a cerâmica muçulmana medieval, projectando-se o seu uso, como já antes tivemos oportunidade de referir, nas produções mudéjares peninsulares. Tanto num prato como num pote de farmácia, pintados a azul de cobalto, atribuídos aos finais do século XIV, e às oficinas de Paterna, observam-se bonitas teorias de bolbos, listados, envolvidos por círculos que se aproximam dos representados na peça de Silves (Martí, 1944, 391, fig. 487; Sánchez-Pacheco, 1981, 61).

O motivo constituído por uma dupla voluta, ou espiral, com as pontas terminando em bolbos, folhas ou palmetas, está presente numa pequena escudela, "de pelizco", decorada a verde e manganês e considerada como fabricada, durante os séculos XIII-XIV, em Paterna (Sánchez-Pacheco, 1981, 52, 58). Este mesmo tema é bem conhecido nas estampilhas almoadas que decoram grandes talhas, como demonstram os exemplares provenientes de Santa Catalina de Sena, em Palma de Maiorca, de Sevilha, Almería, ou do poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1986, 138).

Outros paralelos para a decoração da peça que temos vindo a tratar encontram-se em escudelas, pratos, potes de farmácia e num braseiro, datados no século XV, de Manises, que associam o reflexo metálico e a pintura em azul de cobalto, mostrando séries radiais de folhas de salsa (*Petroselinum hortense*) associadas a pequenas margaridas, envolvidas por caules muito finos (Martí, 1944, 460, fig. 564; Sánchez-Pacheco, 1981, 63; Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 12, figs. 1, 3). Uma taça de forma semelhante à de Silves e com aquela decoração, retirada de uma parede do Convento de St^a. Ana em Pisa, deverá ser posterior a 1375 e anterior a 1427 (Berti e Tongiorgi, 1985, est. IX-2,3). A peça de Silves deve, pois, ser atribuída às oficinas valencianas, provavelmente a Paterna, sendo uma manufatura recuada, face aos últimos paralelos apontados, e, por isso, ainda do século XIV ou dos inícios do século seguinte.

O fragmento de uma outra escudela, de forma quase hemisférica e de paredes espessas, medindo 0.14m de diâmetro no bordo, decorada com reflexos metálicos de cor acastanhada, mostra, no interior, grandes métopas radiais contendo motivos geométricos, como bandas de pequenas linhas cruzadas, e fitomórficos do tipo das "folhas de cardo". Na superfície exterior, muito deteriorada, uma estilização vegetal lembra as encontradas em cerâmicas de Paterna, dos inícios do século XV, nomeadamente nos azulejos azuis que revestem a tribuna dos reis de Aragão na Catedral de Barcelona (1403) (Sánchez-Pacheco, 1981, 60, 64). Um fragmento com este mesmo motivo, associado a uma alafia muito esquemática e igualmente em dourado, foi

encontrado na Kasbah de Tunes (Daoulati, 1980, 351, 352).

O pedaço de uma tigela semelhante, proveniente de um silo no sítio denominado Chão de Covas na cidade de Évora, integrava outros materiais, em que se incluíam numismas, datáveis no século XV (1). Cronologia idêntica tem sido conferida a escudelas com pequenas asas triangulares opostas, das oficinas valencianas, em cujo interior se observam grandes métopas com folhas de cardo, interpoladas com outras preenchidas por séries horizontais de retículas oblíquas, e, por vezes, com grandes rosas em cor azul de cobalto (Martí, 1944, 465, fig. 573, est. XVI-2). Também uma enorme taça inscrita na parede do já referido Convento de St^a. Ana, em Pisa, decorada com rosas quadripétalas azuis é, segundo G. Berti e E. Tongiorgi (1985, 33), anterior a 1427. Contudo, um prato, com decoração idêntica sobre a aba e com as armas dos Mascarell no interior do fundo, permitiu ser datado na segunda metade do século XV (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 17, fig. 19).

Dois outros fragmentos, recolhidos no interior do poço-cisterna de Silves, pertencentes a uma escudela com asas horizontais, polilobuladas e moldadas, oferecem o bordo e os restos de grandes elementos fitomórficos, em reserva, sobre fundo dourado de tom avermelhado. Esta cor deve-se ao excesso de óxido de cobre e à pouca quantidade de sulfureto de prata usado; particularidade que, a par do uso da moldagem das asas, é típica das produções mais tardias, possivelmente já do século XVI.

A utilização de molde foi, ainda, detectada num fragmento de prato, com 0.315m de diâmetro no bordo, decorado com grandes bolbos abertos, em relevo, no interior e logo abaixo do bordo, contornados por traços finos dourados e preenchidos no mesmo bonito tom de ouro ainda rico em prata. As paredes exteriores mostram linhas horizontais douradas e oferece um orifício para suspensão.

Um bom paralelo para esta peça pode ser observado num grande prato, com 0.40m de diâmetro, datado, por Morley-Fletcher e McIlroy (1984, 16, fig. 10), nos inícios do século XVI, que apresenta, também, furos para suspensão. Oferece seis bolbos abertos, em relevo, sobre a aba e, no fundo, motivos pseudo-epigráficos inscritos numa cartela circular.

Estas peças, produzidas a partir da segunda metade do século XV, que atingem os meados do século XVI, parecendo reproduzir protótipos metálicos, antecedem um período de declínio das produções valencianas. Este fenómeno é relacionável, por um lado, com o crescente sentimento anti-islâmico e, por outro, com as alterações de gosto introduzidas pela expansão dos ideais renascentistas (Sánchez-Pacheco, 1981, 64; Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 11). Aliás, segundo Trinidad Sánchez-Pacheco (1981, 56), Paterna terminará a sua produção logo nos finais do século XV.

Dois fragmentos de um mesmo prato, de dimensões menores que o anterior, medindo 0.21m de diâmetro máximo, com bordo ligeiramente extrovertido, estão decorados com duas linhas paralelas sobre o bordo e, abaixo deste, por três outras linhas, onduladas, sendo a central mais larga. O tom do reflexo metálico é escuro, acastanhado, e encontra semelhanças formais numa peça idêntica,

(1) Escavações do Serviço Regional de Arqueologia do Sul e de J. Olívio Caeiro, a quem agradecemos ter-nos facultado os materiais.

completa e cujo reverso foi marcado, classificada dos inícios do século XV (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 12, fig. 9).

Recolhemos, ainda, pequenos fragmentos pertencentes ao fundo, ou às paredes, de pratos decorados apenas com reflexo metálico de tons dourados, amarelos ou avermelhados. Alguns destes mostram motivos fitomórficos, como folhas e espigas, retículas preenchidas por pequenos círculos, séries de linhas paralelas, formadas por traços curtos, ou motivos geométricos, encontrando abundantes paralelos em pratos de Manises tanto do século XV como dos inícios do século XVI. Um grande prato, com 0.465m de diâmetro e fabricado cerca de 1480, com as armas de Catarina de Navarra no interior do fundo e decoração radial, em relevo, limitando gomos, decorados com motivos fitomórficos estilizados, retículas e pautas preenchidas por traços e pontos que recordam notas de música, constitui um bom paralelo para alguns dos fragmentos referidos (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 14, fig. 2). As retículas e as pautas, de reflexos metálicos, estruturando pequenos pontos ou séries de traços, imitando notas musicais, seriam, segundo Gonzalez Martí (1944, 501, fig. 614), próprias do período de transição do século XV para o século XVI.

Um motivo decorativo em forma de espiga, envolvido por finas linhas ovais de aspecto quase caligráfico (atauriques), igual ao que se observa num dos fragmentos de Silves, preenche, repetindo-se, a totalidade do reverso de um outro prato de Manises, igualmente classificado no século XV, e em cujo anverso se observam estreitas bandas concêntricas preenchidas por linhas e pontuações semelhantes a notas musicais (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 13, figs. 19, 19a).

2.2.5. À oficina de Manises pertence, por certo, uma importante escudela, de fundo ligeiramente côncavo, com pegas, horizontais polilobuladas, decorada no interior com reflexos metálicos dourados e azul de cobalto, sobre fundo branco de tom pérola (fig. 11). Mede 0.14m de diâmetro no bordo, tendo as asas 0.04m de comprimento e 0.09m de largura. No interior, sob o bordo e delimitando o fundo, mostra duas linhas de cor azul de cobalto. A meia altura da parede interna oferece, em redor, uma cartela onde se inscreveram pequenos traços imitando letras e substituindo frases piedosas.

As pegas e as paredes exteriores estão, também, decoradas com linhas douradas, tendo junto à base, uma estreita faixa de cor azul.

Esta peça é idêntica à representada nos quadros "S. Cosme e S. Damião" (1530) (Museu Machado de Castro) (fig. 20), onde se pode observar o pormenor dos seus motivos decorativos, e nas duas "Morte da Virgem" (Igreja Paroquial de Ferreirim e Museu Nacional de Arte Antiga) (figs. 21 e 22); o primeiro atribuído a Garcia Fernandes e os dois outros àquele artista de parceria com Cristóvão de Figueiredo. Sabe-se que ambos trabalharam, a partir de 1533-1534, nos retábulos de Ferreirim e estas obras podem, por isso, ser datadas do segundo quartel do século XVI (Santos, 1956, 4-6, figs. 7-9; 1970, 11, 12; Santos, 1960, 6, 7). Trata-se, por certo, de um mesmo modelo, utilizado pelos artistas na sua oficina, ao qual se associa, na primeira obra agora referida, uma colher de prata "manuelina"; facto que parece ter conduzido Reynaldo dos Santos (1956, 6-8) a classificar aquela escudela como portuguesa.

Outras escudelas das oficinas valencianas, decoradas a azul de cobalto, podem, embora com menor rigor, ser

reconhecidas na pintura portuguesa da primeira metade do século XVI; como na "Morte da Virgem" do Mestre do Paraíso (1520-1530), onde uma destas peças é representada com uma bonita colher afro-portuguesa, possivelmente sherbro (Fagg, 1959 fig. 45). Este mesmo autor pinta numa "Anunciação" uma bela majólica italiana, revelando-nos mais uma faceta do gosto requintado e heterogéneo da sua época, aqui integrado nas práticas religiosas, que o importante espólio exumado em Silves bem reflecte.

Uma taça de pé alto, inclinado e em anel, também proveniente do poço-cisterna, mostra no interior uma barra em cor azul de cobalto e restos, já mal fixados, de decorações douradas, sobre fundo esmaltado de cor branca. Os reflexos metálicos, de tom claro, constituem duas cartelas, uma abaixo do bordo e outra em redor do fundo, onde, igualmente em dourado, se imitaram letras. Estas faixas, pseudo-epigráficas, substituem frases como Ave Maria gratia plena, Surge domine ou Im principio erat verbum, que se lêem em outras peças contemporâneas de Manises.

2.2.6. Recolheram-se, ainda, fragmentos de talhas vidradas a verde, uma delas com cordões em relevo oblíquos ao bordo, os já citados fragmentos de alguidares, um deles esmaltado com reflexo metálico prateado (baçi d'argent), assim como um fragmento da moldura da base de um bocal de poço, igualmente com a superfície vidrada de cor verde escura.

Uma talha (fig. 23), medindo 0.58m de altura, com a parte superior do corpo e o bordo vidrado de cor verde, espesso, muito transparente e de tom turquesa, foi fabricada com argila de pasta clara, bege rosada, compacta e bem depurada. A área vidrada desenha, no corpo do vaso, seis grandes gomos. Pensamos tratar-se de outra produção importada, possivelmente, de Sevilha onde, durante os séculos XV e XVI, se denotou o fabrico mudéjar de bocais de poço, e de pias baptismas, decorados com relevos, feitos a molde, e vidrados, total ou parcialmente, de cor verde intensa (Sánchez-Pacheco, 1981a, 95, 97).

2.3. Majólicas italianas

Um grupo, não muito vasto, de cerâmicas esmaltadas, muitas delas policromas, onde se reconhecem peças requintadas, com diferentes proveniências e cronologias, puderam ser atribuídas a algumas das mais importantes oficinas da Península Itálica.

2.3.1. A peça mais recuada deste conjunto é, por ora, um pequeno fragmento, contendo porção do bordo, de um prato raso (tondino), com 0.26m de diâmetro máximo (fig. 24). Encontra-se esmaltado de cor branca e ornado, sobre a aba, com motivos florais esquemáticos, policromos, limitados por finos traços, de carácter gestual, em cor azul de cobalto. As cores utilizadas são algo transparentes e toda a superfície é rica em vidrado (coperta), parecendo conter alta percentagem de óxido de chumbo o que terá provocado uma ligeira falta de nitidez aos contornos da decoração. Tem bons paralelos em pratos, alguns historiados, de Faenza, fabricados no último quartel do século XV (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 26, fig. 1). Ali se reconhecem figuras igualmente contornadas por traços azuis e o seu interior preenchido nas cores amarelas de cádmio, verde turquesa, ou castanho, muito vivas, assim como os ligeiros babados provocados pela mistura dos óxidos coloridos com o esmalte muito rico em vidro. Nos inícios do século XVI no sul dos

Países Baixos, sobretudo em Antuérpia, fabricaram-se cerâmicas com formas e decorações semelhantes, onde se reconhecem as mesmas estruturas vegetais delineadas a azul de cobalto, preenchidas por cores fortes. Estas peças têm vindo a ser encontradas não só nas zonas costeiras da Bélgica e da Holanda como nos portos do Mar do Norte e, nomeadamente, em Londres (Rackham, 1963, 13; Caiger-Smith, 1973, 127), provocando sérias dificuldades no que respeita à atribuição das peças do tipo da recolhida em Silves.

2.3.2. Ainda às oficinas de Faenza, ou de Veneza, deve ser atribuído um conjunto de fragmentos pertencentes a uma grande taça com pé, fabricada a molde, com bordo ondulado do tipo ongaresche, decorada por métopas preenchidas por motivos geométricos e florais (a *quartieri crespina*), imitando protótipos metálicos. Trata-se de uma peça dos finais do primeiro quartel do século XVI, ou dos inícios do segundo, de que se conhecem exemplares completos, provindos das mãos de Francesco Mezzarisa, Vergiliotto Callamelli ou de Leonardo Battisi, o Don Pino. Estes, oferecem métopas radiais onde se inscrevem palmetas, flores, e rolos de folhagens, mais ou menos estilizados, rodeando medalhões, centrados no interior do fundo, decorados com figuras mitológicas, católicas ou greco-romanas, que preenchem a totalidade das paredes. É, geralmente, usada uma paleta rica, em cores e tons, e as peças oferecem bom esmalte, aderente e muito brilhante. Encontra-se uma destas taças no Paço de Vila Viçosa que pertencia à coleção do rei D. Fernando II. Uma outra, publicada por Rasmussen (1984, 108, 109), atribuída às oficinas de Faenza, fabricada possivelmente entre 1530 e 1540, oferece abundantes motivos radiais e, no medalhão central, a figura do taumaturgo S. António (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 40, figs 2-4, 41, fig. 14-15, 43, fig. 5; Simões, 1966, 58).

2.3.3. Foi possível classificar como sendo uma produção, de cerca de 1500-1510, da oficina de Deruta, os fragmentos de um prato, com bordo largo e quase horizontal, medindo 0.24m de diâmetro, decorado por faixas concêntricas preenchidas com motivos geométricos e escamas, ou plumas de pavão, em redor do fundo. Este seria, centralmente, decorado por motivos fitomórficos.

Os esmaltes utilizados, na ornamentação do anverso desta peça, são de cor castanha, laranja, amarela e azul, oferecendo, no reverso, grandes ovais, contornadas a azul, dispostas radialmente como pétalas, preenchidas por traços paralelos de cor castanha alaranjada. Esta decoração é típica de muitas obras de Deruta onde detectamos bons paralelos, com idênticas dimensões e cronologia dos finais do século XV ou do primeiro decénio do século XVI, para a peça de Silves (Rackham, 1963, 18, est. 35).

2.3.4. Uma tigela, medindo 0.125m de diâmetro no bordo e 0.06m de altura máxima, com pé estreito, em anel, com as paredes esmaltadas de cor azul pálida (berrettino), está decorada no interior, nas paredes e no fundo, com uma paisagem urbana, pintada em tons de azul de cobalto, em alguns pontos retocada a branco. Reconhece-se um casario com telhados cônicos, muito altos e encimados por longas agulhas, ao gosto gótico. O reverso mostra decoração constituída por uma teoria de motivos fitomórficos, muito

esquemáticos, de cor azul de cobalto.

Parece-nos ser uma produção veneziana e encontra semelhanças, temáticas e técnicas, num prato raso, pintado de cor azul mas sobre fundo branco, da oficina do Mestre Lodovico e de cerca de 1540; onde se observam casas idênticas, debruçadas sobre o mar, com telhados terminados, igualmente, em agulhas (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 87, fig. 4).

Em outros pratos da oficina daquele mesmo mestre, publicados por Bernard Rackham (1963, 25, ests. 79, 80, 81A) associam-se, no medalhão central, figuras mitológicas e paisagens com casas, rodeadas, na aba, por arabescos e rolos fitomórficos.

Veneza será um dos mais importantes centros produtores de majólicas durante o século XVI, onde Jacomo de Pesaro e o Mestre Lodovico tinham as maiores oficinas (1540-1560), oferecendo algumas das suas peças paisagens fantásticas, ora inspiradas na própria imagem da cidade ora em gravuras, composições com frutos e folhagens, por vezes já sob influência oriental, ou, apenas, motivos florais de aspecto caligráfico (*stile compendiário*); muitas delas pintadas a azul de cobalto sobre fundos de cor azul clara (berrettino) que se crê de inspiração turca. Contudo, também ali se usaram as cores amarela, laranja, verde, o ocre e o branco, sobre aqueles mesmos fundos azuis (Caiger-Smith, 1973, 91, 99; Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 25).

Do mesmo centro produtor, e à segunda metade do século XVI, deverão provir os fragmentos de duas taças baixas (*coppa*), com paredes sub-verticais, assentes num pé curto, e em anel, análogo ao da peça anteriormente referida. As superfícies estão, do mesmo modo, revestidas por esmalte de cor azul, pálida, mostrando, no interior, complexas decorações com grandes folhas (*a foglie*) e ramagens rodeadas, sob o bordo, por um friso com teoria de elementos fitomórficos muito estilizados, em cor azul de cobalto, por vezes realçados a branco. No exterior observam-se séries de traços arqueados, lembrando pétalas muito esquemáticas, também idênticos ao da tigela já descrita. Uma destas peças mede 0.20m de diâmetro e 0.045m de altura máxima.

Um prato raso de cor azul (*tondino berrettino*), igual, embora com 0.24m de diâmetro, foi pintado pelo mestre Domenico em cerca de 1540 e uma *coppa*, de estilo semelhante, ostenta a data de 1554. Também um grande prato e uma jarra, de fundos esmaltados a azul pálido, com exuberantes decorações fitomórficas de cor azul escura e branca, parecidas às das taças, referidas, de Silves, foram produzidas em Veneza, respectivamente em cerca de 1560 e 1580, mostrando a sobrevivência e o interesse despertado por este tipo de loiça (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 85, fig. 11, 88, fig. 3, 89, fig. 13; Rasmussen, 1984, 230-232). Um prato armoriado, com folhagens de estilo semelhante, datado de cerca de 1530, exhibe, entre os tons azuis, figuras de cor ocre e laranja, enriquecendo aquele formulário (Caiger-Smith, 1973, 67).

Ainda às fábricas venezianas deverão pertencer um prato raso (*tondino*) e duas outras taças, baixas e largas, originárias do poço-cisterna. A primeira peça, com 0.245m de diâmetro, apresenta as superfícies esmaltadas, de cor azul turquesa, sendo decorada, tanto no fundo como sobre a aba, com motivos vegetais em cor azul de cobalto (fig. 25). Estes, oferecem carácter quase caligráfico e recordam motivos orientais (*tirata alla porcellana*, de estilo veneziano)

contemplados no manual, "Li Iree Livre Dell'Arte del Vasaio" (1558), da autoria de Cipriano Piccolpasso de Urbino (1524-1579) (Caiger-Smith, 1973, 99; Wilson, 1987, 75, fig. X-8). O reverso mostra uma teoria de traços curvos cruzados. Encontramos um bom paralelo, tanto formal como decorativo, detendo a mesma área em reserva, entre a aba do bordo e o interior do fundo, num prato raso, embora com 0.189m de diâmetro, atribuído às oficinas venezianas de 1540 a 1550 e às mãos do Mestre Lodovico (Rasmussen, 1984, 226).

As taças, com 0.215m de diâmetro no bordo e com o pé em anel, têm as superfícies de cor azul muito pálida (berrettino) e as decorações, embora diferentes, apresentam o mesmo aspecto esquemático. Estas peças podem ser datadas nos meados do século XVI e mantêm afinidades com produções de Veneza e Cafaggiolo, reconhecendo-se idênticos rolos fitomórficos, sobre a orla do bordo, entre linhas paralelas (Rackham, 1963, est. 51; Rasmussen, 1984, 225).

2.3.5. Um bom número de fragmentos, com porção do bordo ou do pé, de pratos e de taças decorados com motivos fitomórficos, esquemáticos, de cor azul forte sobre esmalte liso e brilhante, com pigmento de cor muito branca (bianchi di Faenza ou bianchi di Ferrara), puderam ser classificados como da famosa produção de Faenza (fig. 26). Este mesmo tipo de decoração de inspiração oriental, alla porcellana, pode ser observado no reverso de um prato historiado, daquela oficina, e datado em cerca de 1515 (Rackham, 1963, 20, est. 30; Rasmussen, 1984, 80). Um prato de Siena, dos inícios do segundo decénio do século XVI, atribuído ao Mestre Benedetto oferece o mesmo tipo de tirata em azul de cobalto, sobre azul acinzentado claro, na aba e no reverso (Rackham, 1963, est. 44; Caiger-Smith, 1973, 65; Rasmussen, 1984, 131; Wilson, 1987, 87, 89, fig. 133).

2.4. Majólicas holandesas

Classificamos como procedente das oficinas norte-holandesas, da segunda metade do século XVI, um conjunto de fragmentos esmaltados, fabricados com pastas de cor creme, pertencendo a pratos e a taças com fundos planos, em pastilha, por vezes com o bordo horizontal e o lábio de secção semicircular. Os óxidos utilizados, sobre fundos de cor branca, produziram cores, vivas e brilhantes, como o azul de cobalto, intenso, verde turquesa, amarelo de cádmio, laranja forte e vermelho (fig. 27).

Dois pratos mostram faixas circulares concêntricas, preenchendo o interior do fundo, donde partem motivos radiais, assemelhando-se a grandes pétalas, que atingem o bordo. Os reversos destas peças ou não são decorados ou, raramente, apresentam estreitas linhas azuis paralelas ao bordo.

Alguns exemplares oferecem, centralmente, cenas e paisagens pintadas de cores onde se destacam o azul e o negro. Em redor, revestindo as paredes e a área interior do bordo, observam-se faixas policromas onde sobressai uma, mais larga, de cor azul de cobalto. Sobre esta, e antes da peça ir ao fogo para cozer o esmalte, foram abertos, por esgrafitagem, motivos fitomórficos e geométricos.

A iconografia utilizada nos esgrafitos é formada por pequenas espirais, intercalando conjuntos de curtos traços paralelos, espirais duplas e enrolamentos, pequenas flores com pétalas, lanceoladas ou circulares, círculos, e séries de

pequenos traços curvos dispostos, radialmente, em redor do fundo das peças.

Estas produções, que podem ser atribuídas às oficinas norte-holandesas dos finais do século XVI, devem a sua existência à influência itálica, sendo, por isso, difíceis de distinguir dos produtos do Norte daquele país.

Mencionamo já, em 2.3.1., as similitudes das peças recuadas de Faenza com as da área de Antuérpia ou, ainda, de Haarlem onde trabalhou Cornelis Lubbeitz. É, provavelmente, desta oficina, e de 1583, o prato com a aba decorada com folhagem, oferecendo um medalhão central com busto feminino, de desenho solto, contornado a azul de cobalto, servido de uma paleta com cores fortes (azul, verde, amarelo, laranja), semelhante ao fragmento já mencionado de Silves (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 26, fig. 1; Wilson, 1987, 166, fig. 259). A partir de meados do século XVI a produção de majólica estende-se ao norte da Holanda onde trabalharam várias oficinas com os seus *platellbakken* ou *prateiros* (Caiger-Smith, 1973, 128).

Os fragmentos esgrafitados do poço-cisterna têm paralelos em peças holandesas, publicadas por Dingeman Korf (1962, 14, 72), nomeadamente em taças com bordo largo, ligeiramente oblíquo e de pequenos diâmetros, assim como nas peças com grandes motivos radiais, preenchendo a totalidade do interior das paredes, pintados com cores fortes.

Também em Montelupo foi usada a técnica do esgrafito, sobre bandas azuis, na ornamentação de loiça, em torno ao segundo decénio do século XVI, tendo-se abandonado este processo em meados deste mesmo século e quase desaparecendo, posteriormente, a decoração de peças com azul de cobalto. Os motivos mais utilizados foram os grotescos e os stemma (Berti, 1983). Um prato com pé e as armas dos Medici (Leão X), no interior do fundo, de cerca de 1513-1521, pôde ser atribuído a Cafaggiolo embora ofereça uma banda larga de cor azul de cobalto, sobre a aba, com decoração esgrafitada e a orla do bordo pintada de cores, verde e amarelo, vivas (Watson, 1986, 64, 65). Contudo, as produções holandesas, igualmente bem representadas na Europa e nas praças portuguesas do Norte de África, como em Alcácer-Ceguer (1458-1550) (Redman, 1980, 261, fig. 6-B; 1986, 199, fig. 6.7c), têm carácter mais simplista que as norte-italianas, maior rudeza no fabrico, no desenho e na pintura, usando, quase sempre, cores em tons fortes semelhantes às majólicas, do último quartel do século XV, de Faenza. Os azulejos policromos, com figuras contornadas a azul e preenchidas por cores vivas, fabricados em Antuérpia, na segunda metade do século XVI, ilustram bem aquelas características (Morley-Fletcher e McIlroy, 1984, 119, 231, figs. 18, 22). Aliás, para os palácios portugueses vieram daqueles azulejos, como para o de Vila Viçosa, trazidos, em 1558, da fábrica de Jan van Bojaert e de que existem exemplares no Museu do Azulejo em Lisboa (Simões, 1959; Caiger-Smith, 1973, 105). Recordemos que, em 1430, Filipe o Bom, Duque da Borgonha e Conde da Flandres, casa-se com Isabel, filha de D. João I, e que Portugal manteve, desde 1503, uma feitoria na Flandres permitindo, assim, o desenvolvimento de intensas relações comerciais e culturais. Também se utiliza em Portugal, no século XVI, a denominação de *malega* de Flandres, a par de outras, para diferenciar aquelas importações das *malegas* brancas, que ora eram importadas de outros locais ou fabricadas entre nós conforme, anteriormente, tivemos oportunidade de referir (Vasconcellos, 1921, 19; Simões, 1966, 16).

2.5. As porcelanas

2.5.1 A cerca de três dezenas de pequenos fragmentos de porcelana, encontrados no poço-cisterna, fazem parte, exceptuando um exemplar do tipo *wou-ts'ai* e um outro pertencente à rara cerâmica *kinrande*, de peças da enorme e variada família azul e branca, todas elas fabricadas sob o domínio da grande dinastia Ming.

Dois exemplares mais antigos puderam, embora com reservas dado as suas reduzidas dimensões, ser atribuídos aos períodos Ming antigo (1400-1487), ou aos inícios do período Ming médio (1488-1566). É possível que representem as primeiras cerâmicas chinesas chegadas a Portugal, por via marítima, conhecendo-se terem-se iniciado as exportações através de Malaca, depois de 1511, ou terão sido trazidas pelo tráfego terrestre já existente, pelo menos, desde o século IX (Zozaya, 1969, 197).

Estes fragmentos mostram pastas de cor branca e uma camada espessa de vidrado, pouco brilhante, apresentando, nas faces externas, o característico aspecto de "casca de laranja", com ondulações e impurezas ferruginosas. Num deles, pertencente a uma grande taça, decorada a azul de cobalto não muito intenso, reconhecem-se os restos do que parece ser um dos oito símbolos taoístas (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 178, 179).

O segundo fragmento contém porção do bordo, ondulado, de um prato e tanto a pasta como o vidrado têm tom ligeiramente acinzentado.

2.5.2. Foi possível classificar com maior certeza alguns fragmentos no período Ming médio (1488-1566), permitindo os paralelos, técnicos, formais e iconográficos, reconhecidos datá-los do reinado de Chia Ching (Jia Jing) (1522-1566). Tratam-se de peças com realização cuidada, possuindo esmaltes brilhantes e pinturas de cor azul violácea próprias do óxido de cobalto importado, decoradas com símbolos taoístas e de longevidade. Aceita-se que algumas destas porcelanas sejam já fabricadas sob encomenda para o mercado ocidental e tenham sido transportadas, nas carracas portuguesas, primeiramente a partir de Malaca (1511) e, depois de 1533, a partir de Macau (fig. 28).

A esta época, de intenso comércio e de certa prosperidade económica, pertencem as porcelanas chinesas com legendas em português; como as escudelas, do Museu de Beja, do Museu Duca di Martina (Nápoles) e do Topkape de Istambul, onde se lê, em caracteres latinos, "Em Tempo de Pero de Faria de 1541" (Keil, 1942). São suas congêneres a garrafa do Victoria and Albert Museum de Londres, datada de 1557, a da Walters Art Gallery em Baltimore, a do Museu do Caramulo, e a de Techehel Sotun, Isfahan, proveniente do Santuário de Ardebil, datadas de 1522 (Garner, 1964, 34, 35; Beurdeley e Beurdeley, 1974, 188, 271; Pope, 1981, 57; Mota, 1983, 234-236).

Fragmentos de peças chinesas deste período têm sido descobertos nas fortificações portuguesas, de toda a costa de África e do Oriente, nomeadamente em Alcácer Ceguer; praça onde encontramos outros paralelos para as peças agora estudadas (Redman, 1986, 201; Redman e Boone, 1971).

O fragmento de um prato, ou de uma grande taça baixa, com porção do fundo e da base, recolhido no poço-cisterna, foi fabricado com pasta muito branca, vidrado espesso e muito regular, tendo aderências de areia na parte inferior do

anel que constitui a base. A decoração do fundo, de cor azul intensa, é formada por um rolo de nuvens intercalando com grou, dos quais se recolhem, ainda, as pontas das asas. A composição é rodeada por duas linhas finas e paralelas, de tom azul pálido, tal como as manchas de cor que cobrem as figuras e que, nem sequer, são perfeitamente contornadas. A superfície exterior do pé apresenta, também, duas linhas paralelas do mesmo tom azul claro.

Encontrámos semelhanças para a decoração deste fragmento num grande prato, com 0.42m de diâmetro, mostrando no fundo representações da fénix, entre rolos de nuvens, numa taça decorada, tanto no interior como nas paredes exteriores, com grou entre rolos de nuvens e, ainda, numa caixa redonda, com 0.11m de diâmetro, em que a tampa oferece dois grou alternando com dois rolos de nuvens, tal como julgamos ter sido a peça de Silves (Sotheby e Crawford, 1982, 82, 83, nº 160; Yeo e Martin, 1978, 144, 145, 154, 155, ests. 49, 60, nºs 83, 104). Também do Santuário de Ardebil (Pope, 1981, est. 88) onde o Shah Abbas, "o grande" (da Pérsia), reuniu em 1611, uma grande colecção de cerâmica chinesa, hoje no Museu Arqueológico de Teherão, provém uma taça com o interior decorado com oito grou, entre rolos de nuvens, vendo-se, na superfície exterior, ramos de ameixeiras; motivo que descobrimos num outro fragmento recolhido no poço-cisterna de Silves.

As porcelanas agora referidas estão datadas do reinado de Chia Ching e mostram idêntico tom intenso e violáceo do azul, do óxido de cobalto importado da Pérsia, tão característico deste período, assim como os traços definidores das figuras sobre manchas mais claras e ligeiramente maiores.

O grou é considerado, pelos chineses, como símbolo de longevidade, pois supunha-se que poderia viver seiscentos anos, voando com os imortais e carregando as almas dos mortos para o Paraíso; por isso é representado, normalmente, entre nuvens e mostrando uma dimensão extra-terrestre, tão cara aos taoístas, cuja influência se fez sentir, de outros modos, na gramática decorativa deste período (Yeo e Martin, 1978, 303).

Um segundo fragmento deste reinado, pertence ao fundo de um prato ou de uma taça. Foi fabricado com pasta de cor branca, apresentando esmalte espesso na superfície interior e irregular na exterior; onde se observam ondulações e porosidades.

A decoração do fundo é de cor azul, muito intensa, reconhecendo-se o que parece ser a cauda de um leão-cão e de fragmentos de rolos de nuvens. Dois pratos com a representação do leão-cão, no interior do fundo, rodeado por rolos de nuvens, e outro cujo centro está decorado com o animal mitológico Ch'ilin (Qilin), entre flores e rochas, mostrando uma banda de pequenas folhas no bordo, oferecem os melhores paralelos para o fragmento de Silves e foram datados do período Ming médio (Yeo e Martin, 1978, 136, 137, 198, 199, ests. 41, 113, nºs 73, 203).

Um prato para molho decorado, no interior, com dois leões-cães e na superfície exterior com quatro animais idênticos, rodeados por signos taoístas e enrolamentos, foi recolhido no Santuário de Ardebil (Pope, 1981, est. 58) e é atribuído, ainda, aos finais do século XV.

O leão-cão, ou "cão de Fu", é o guarda-leão, budista, com aspecto de cão pequenino, de cauda muito peluda, aparecendo tanto nas decorações Ming como nas da dinastia Ch'ing (Qing).

O Ch'ilin (Qilin), é um zoomorfo fabuloso, híbrido e benévolo, que surge sob diferentes formas, por vezes parte cavalo, parte lobo, ou parte dragão. É um outro símbolo da longevidade, da alegria e do reconhecimento, e um dos quatro grandes animais da mitologia chinesa (Yeo e Martin, 1978, 301, 304).

Tanto a cor violácea do óxido de cobalto, como o tema tratado no fragmento de Silves, conduz-nos a atribuí-lo ao reinado de Chia Ching (1522-1566).

Também um pequenino fragmento, com porção do bordo, onde se descobre um enrolamento fitomórfico clássico, de cor azul muito escura, deve pertencer ao período que temos vindo a tratar ou, ainda, ao precedente, conforme os paralelos que sustenta (Yeo e Martin, 1978, 114, 115, est. 16, nº 36).

Um pedaço, com porção do bordo e que mediria 0.12m de diâmetro, de uma taça kinrande mostra pasta de cor branca e uma boa cobertura de vidrado regular e brilhante. No interior, a 0.003m do lábio, apresenta um friso, de 0.01m de largura, decorado com motivos geométricos, enquanto que a parede exterior é esmaltada de cor verde clara e ornamentada, a dourado, por uma linha de cercadura, a 0.005m do lábio, e por restos de rolos ou meandros que envolveriam flores de lótus.

Embora não encontrássemos, na bibliografia consultada, qualquer peça, deste tipo, em que a parede exterior apresentasse decoração dourada sobre fundo verde, detectámos taças, com dimensões iguais à que teria a de Silves, onde a pintura dourada foi executada sobre fundo vermelho. A decoração do tipo kinrande, ou brocado de ouro, utiliza ainda para além daquelas cores, fundos nas cores amarela, azul e violeta, surgindo, também, associada a peças com esmalte do tipo wucal (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 200).

Uma taça esmaltada, exteriormente, de cor vermelha escura, decorada com flores de lótus e meandros dourados, com uma banda de cor azul, no interior do bordo, igual à do fragmento descrito, e com as mesmas dimensões, mas oferecendo um crisântemo e um insecto, voando no fundo, encontra-se marcada com a frase "Ch'ang ming fu kuei" (longa vida, riqueza e honra), datando-a do reinado de Chia Ching (Sotheby e Crawford, 1979, 72, 75, nº 79). Um raro par destas taças, com idênticas dimensões, decoradas no exterior com flores de lótus, meandros e cercaduras douradas sobre esmalte de cor vermelha de coral, mostram, no interior do fundo, um crisântemo e uma banda, sob o bordo, igual à de Silves. Estas peças estão, igualmente, marcadas do reinado de Chia Ching (Sotheby e Crawford, 1981, 74, 83, nº 713; 1982, 98, 99, nº 179). Uma taça semelhante, mas decorada com montanhas prateadas, foi trazida da Turquia pelo Conde Eberhart von Manderscheidt, em 1583, encontrando-se hoje no Victoria and Albert Museum (Sotheby e Crawford, 1981, 74). Ainda seis peças idênticas fazem parte das colecções da Hata Keyama Memorial Gallery e uma outra da Percival David Foundation (Sotheby e Crawford, 1979, 72).

O fragmento de um prato com bordo ondulado, fabricado com pasta de cor muito branca coberta por vidrado regular e brilhante, cujo diâmetro mediria cerca de 0.12m, apresenta, no interior e sob o bordo, uma cercadura, fitomórfica, de cor azul pálida, limitada, por uma linha muito fina, a cerca de 0.002m do lábio. Um prato de molho, azul e branco, com uma paisagem pintada no centro e o bordo com uma banda contínua de aves aquáticas, entre

flores de lótus e outras plantas, com características estilísticas semelhantes às do fragmento anteriormente descrito, foi datado da segunda metade do século XVI, talvez, ainda, do reinado de Chia Ching (Sotheby, 1979, 116, 117, nº 150).

O fragmento de uma taça de Silves, com este mesmo tipo de esmalte e de coloração, apresenta os restos de um ramo de ameixeira onde se descobre uma flor com estames, bem visíveis, e pequenas folhas. Perto, observam-se dois conjuntos de três pequenos traços cruzados em estrela. Uma garrafa, publicada por Garner (1964, 32, est. 49) e marcada do período Chia Ching, oferece, entre outros motivos, uma ameixeira de tronco torcido com a forma do símbolo da longevidade e folhas semelhantes às do fragmento de Silves.

A ameixeira está, também, presente na decoração do fundo de um prato para molho, do Santuário de Ardebil (Pope, 1981, est. 59), atribuído aos finais do século XV.

Um outro fragmento de prato, com o bordo lobulado, fabricado com pasta muito branca e vidrado uniforme e brilhante oferece, na parte superior do bordo, uma banda decorativa, com 0.01m de largura, formada por losangos interceptados por rectângulos e limitada por linhas de cercadura, muito finas, de cor azul forte. A parte inferior do bordo apresenta, de igual modo, uma banda pintada, do tipo conhecido como "rolo clássico", limitada por finas linhas de cor azul intensa.

O tema decorativo do interior desta peça é semelhante ao encontrado na peça kinrande, descrita anteriormente, e foi muito utilizado na ornamentação de cerâmicas, em azul e branco, sobretudo de taças durante o período Ming médio, dos finais do século XV e até aos meados do século XVI (Yeo e Martin, 1978, 134, 135, 140, 141, 154, 155, nºs 76, 102, ests. 37, 44, 59).

O "rolo clássico", que ornamenta o exterior do bordo deste fragmento de Silves, tem, sob formas ligeiramente diferentes, um longo período de duração, sendo muito comum em peças do período Ming antigo, nos inícios do século XV. Paralelo importante para o nosso fragmento é uma pequena taça, com 0.15m de diâmetro, com barras decorativas idênticas, tanto no interior do bordo como no seu exterior, datada do período Ming antigo (1400-1487) (Yeo e Martin 106, 107, 142, 143, ests 8, 47).

2.5.3. Um último grupo de porcelanas pertence ao período Ming final (1566-1643) e, sobretudo, ao reinado de Wan Li (1573-1619).

É excelente representante destas cerâmicas o fragmento de uma pequena taça com porção do bordo, extrovertido e lobulado, que mediria 0.12m de diâmetro, fabricada com pasta branca, coberta por esmalte levemente azulado, muito uniforme e brilhante. No interior apresenta uma cercadura, paralela ao bordo, formada por uma linha de segmentos arqueados e, abaixo, reconhecem-se os restos de duas pequenas folhas ovais de ameixeira, bem contornadas e com a nervura central indicada. Na parede exterior encontramos a mesma linha de segmentos arqueados, paralelos ao bordo e apenas a 0.003m do lábio, mas limitando uma métopa onde se reconhecem os quartos traseiros de um cavalo, restos de nuvens e de ondas. O tom azul das pinturas deste fragmento é um pouco acinzentado, mostrando maior pobreza em óxido de cobalto que os fragmentos anteriormente descritos.

O melhor paralelo para a peça a que pertencia este

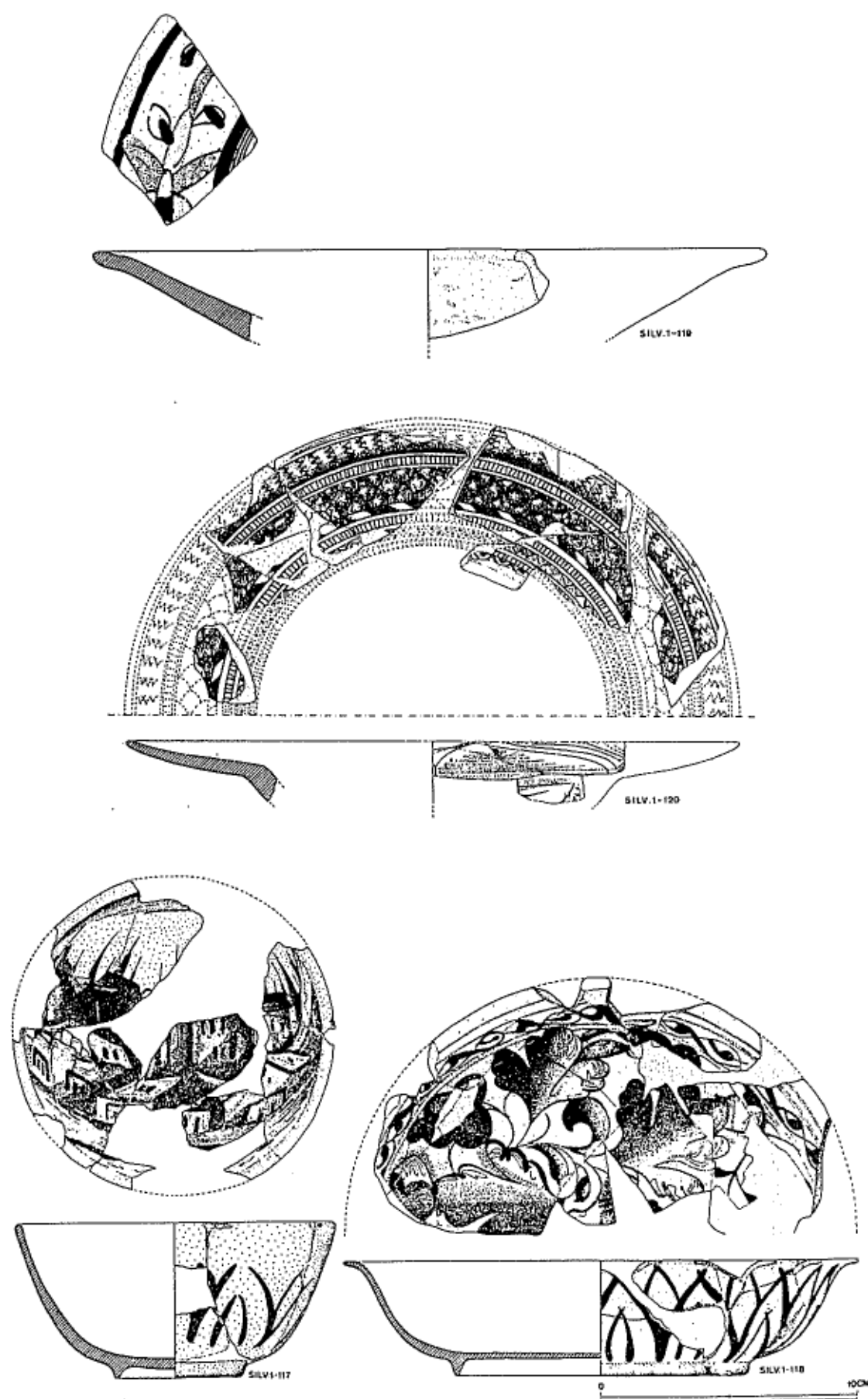


Fig. 24 — Poço-cisterna. Majólicas italianas de Faenza, Deruta e Veneza (des. de M. Carmo e L.A. Filipe).

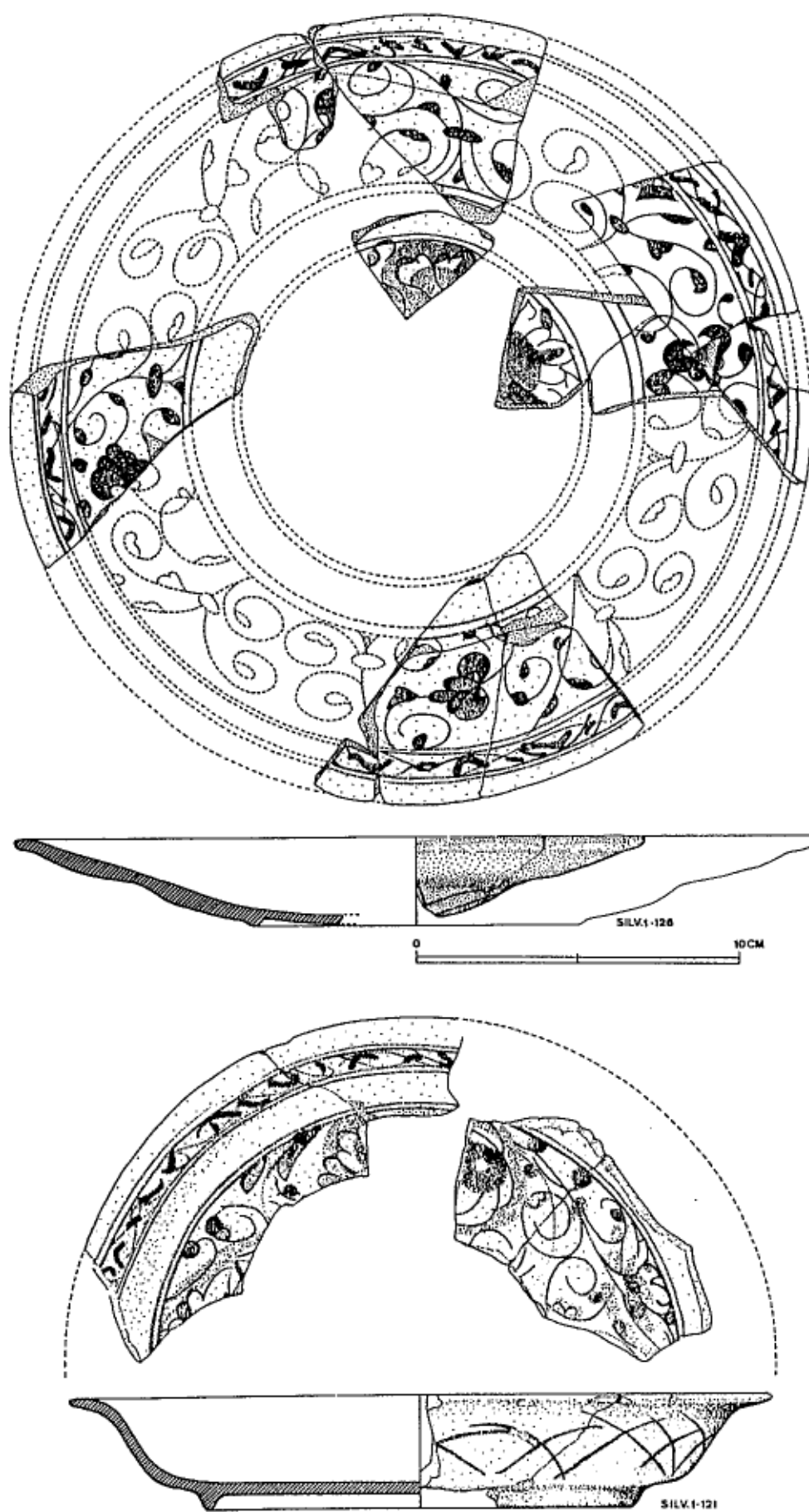


Fig. 25 — Poço-cisterna. Maiólicas venezianas (des. de M. Carmo).

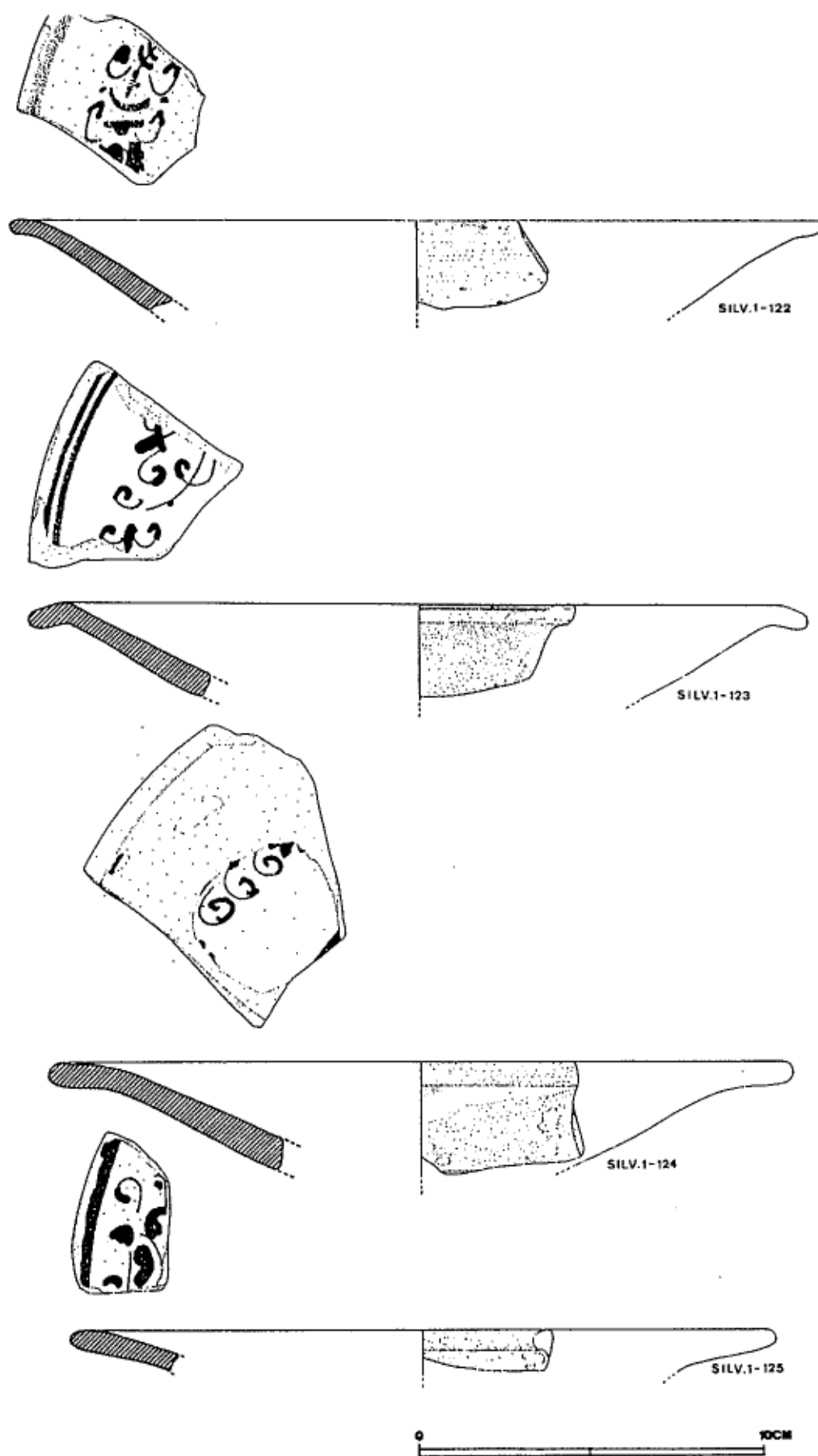


Fig. 26 — Poço-cisterna. Majólicas de Faerza (des. de M. Carmo).

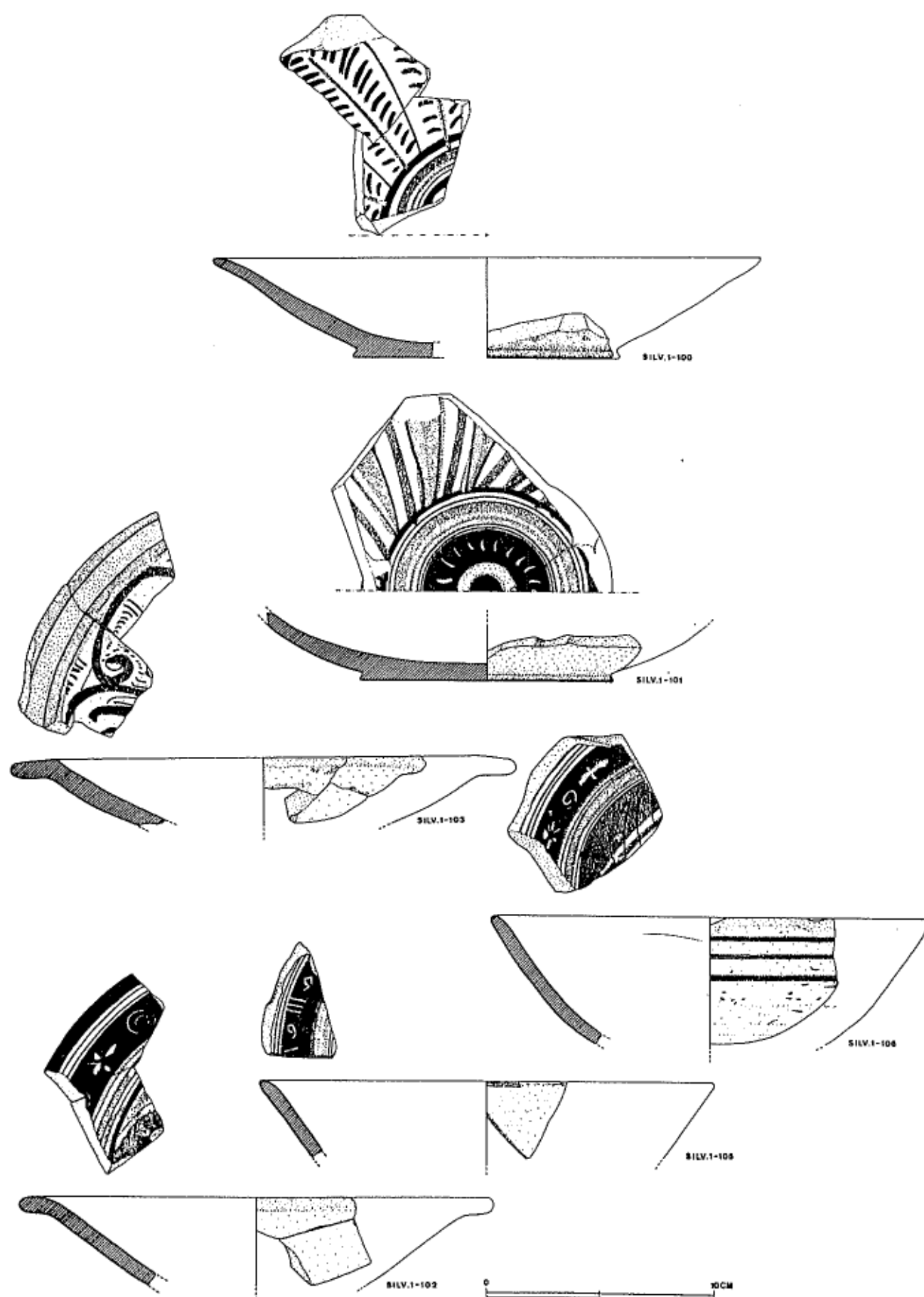


Fig. 27 — Poço-cisterna. Maiólicas holandesas (des. de M. Carmo).

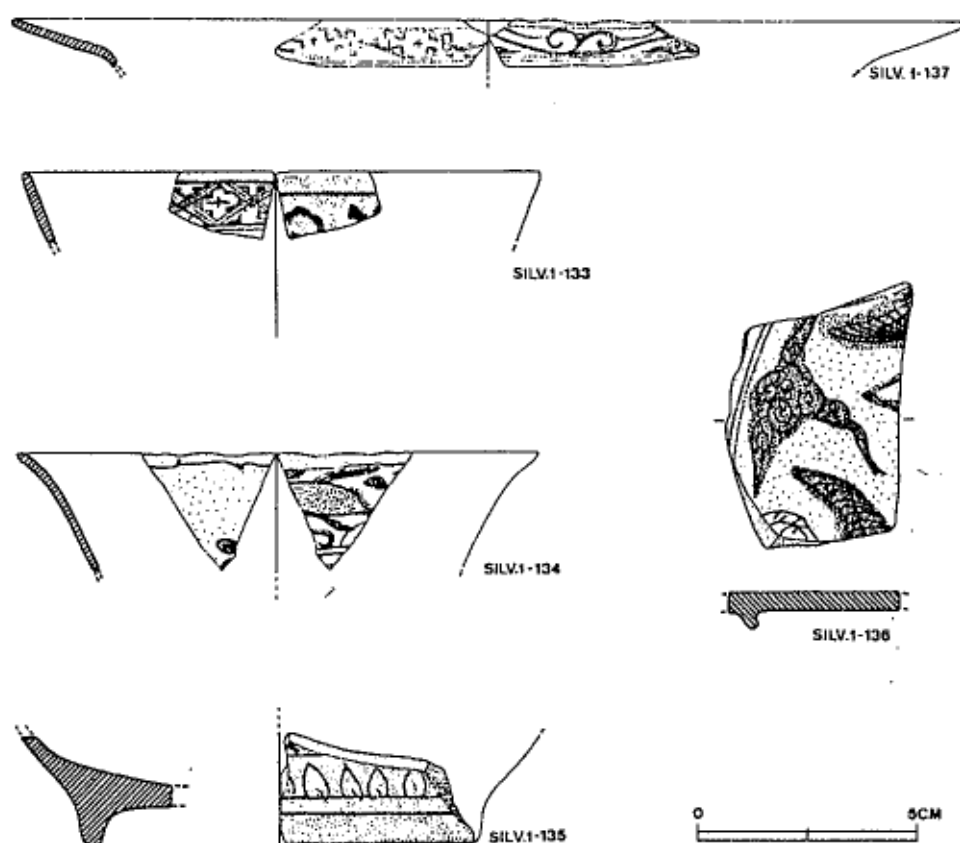


Fig. 28 — Poço-cisterna. Porcelanas chinesas (des. de M. Carmo).

fragmento é uma taça completa, também de bordo lobulado e com 0.102m de diâmetro, decorada no exterior por pequenas métopas com cavalos, galopando na oblíqua sobre as cristas de ondas, marcada do reinado de Wan Li (1573-1619) (Yeo e Martin, 1978, 164, 165, nº 125, est. 69).

Duas taças semelhantes foram recolhidas no Santuário de Ardebil (Pope, 1981, ests 105, 106); uma com um friso de cavalos correndo sobre ondas, sob o bordo, e com motivos florais pintados no corpo, apresentando a outra os mesmos temas mas integrados em métopas, ao estilo das peças de exportação (kraakporcelein), dos finais do século XVI.

Tema idêntico, do cavalo galopando sobre o mar, acompanhado por animais fabulosos e dos símbolos dos "oito-tesouros", ou Pa Pao (Ba Bao), encontra-se decorando um par de pequenas taças marcadas do reinado de Wan Li (Sotheby, Beurdeley e Crawford, 1982, 40, 41, nº 428). Um belo friso de cavalos alados correndo sobre ondas, que rebentam em rochedos, decora, igualmente, a parte inferior de um meiping azul e branco (Sotheby e Crawford, 1982, 78, 79, nº 155).

O cavalo é, no mundo chinês, o distintivo da velocidade e da perseverança, sendo um dos doze animais do "ciclo dos símbolos". Encontra-se, nos casos descritos, unido à água, o primeiro dos cinco elementos primordiais, aqui representada pelas ondas sobre as quais galopa (Yeo e Martin, 1978, 308, 313).

Ao reinado de Wan Li deverá pertencer, ainda, o fragmento de um prato ou taça larga, com porção da base, onde se reconhece, no interior do fundo, uma pequena flor de cor azul escura, assim como dois traços paralelos que fariam parte de cercaduras. A flor, certamente, da ameixeira,

com colorido bem contornado por finos traços de tom mais escuro, mostra quatro pétalas quase ovais, com segmento central, assim como a representação de alguns estames. Duas linhas paralelas, de cor azul, marcam, na parede exterior, a base da peça.

A ameixeira é o emblema do Inverno, símbolo da vida que renasce, todas as Primaveras, com o desabrochar das folhas, das flores, e com o estalar dos gelos que cobrem os rios da China (Yeo e Martin, 1978, 313).

Ao mesmo período pertencerá um fragmento de prato de molho, fabricado com pasta muito branca e vidrado regular e brilhante, com pinturas, de cor azul forte, bem pormenorizadas. Na face superior apresenta uma teoria de escamas ou ondas concêntricas, semicirculares, que deveria cobrir uma faixa larga ocupando, extensivamente, a totalidade do bordo, onde se poderiam abrir janelas com outros motivos decorativos. Na superfície exterior reconhecem-se os restos de uma decoração floral, com folhas longas e lanceoladas, assim como uma linha horizontal que separaria o corpo da peça do bordo.

Encontrámos alguns paralelos importantes, como a taça larga de bordo lobulado, com 0.34m de diâmetro, cujo fundo, envolvendo um motivo central, mostra uma moldura com idêntica decoração de escamas e em que o bordo oferece oito arranjos florais, de folhas pequenas e lanceoladas, do mesmo tipo das observadas no reverso do fragmento de Silves. Aqueles motivos ornamentam, ainda, outros grandes pratos, talvez já feitos para o comércio ocidental (kraak ware), e um outro, idêntico, com decoração central e bordo preenchido por uma banda de ondas concêntricas, ou escamas, onde se abrem seis janelas com flores. Estas

cerâmicas, em que se reconhecem, nas formas, nas decorações, como no uso de motivos integrados em métopas, os primeiros modelos feitos para a exportação ocidental, mantendo boa qualidade de fabrico e realização cuidada, têm sido datadas do reinado de Wan Li (1573-1619) (Yeo e Martin, 1978, 178-181, 198, 199, n.ºs 158, 170, 206, ests. 83, 88, 115).

Um queimador de incenso, marcado do reinado de Wan Li, mostra aquele padrão decorativo e, em uma das métopas, um leão-cão (Sotheby e Crawford, 1981, 54, 55, n.º 58).

Bem diferente das cerâmicas que temos vindo a descrever é a porção, com parte do pé, de uma grande caixa wou-ts'ai (wucai), fabricada com pasta branca, vidrada com esmalte, regular e brilhante, espesso e de cor azul, muitíssimo clara. A base, que mediria 0.085m de diâmetro, é anular, não estando vidrada na superfície de contacto e mostrando aderências de areia.

A face interior não apresenta decoração, oferecendo a exterior três linhas paralelas, de cor vermelha, assim como uma teoria de pétalas de flores de lótus, dispostas na vertical, assentes sobre uma daquelas linhas. As pétalas são contornadas a negro e oferecem um verniz de reflexo dourado. Reconhece-se, acima da linha de pétalas, um motivo, não identificável, também de cor vermelha.

Muitas das porcelanas esmaltadas do tipo wou-ts'ai estão marcadas do reinado de Wan Li, embora as mais antigas pertençam ao de Chia Ching (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 196-199; Sotheby e Crawford, 1981a, 124, 125, n.º 124; Sotheby, Beurdeley e Crawford, 1982, 50, 51, n.ºs 435, 437). São peças produzidas sob a influência do gosto nipónico, num período em que a intensificação dos contactos comerciais da China acompanham uma grande renovação, não só cultural como técnica. As cerâmicas azuis e brancas do reinado de Wan Li, fabricadas, sobretudo, em King-ti-tchen (Jingdezhen), oferecem uma certa decadência nos processos de realização, sendo pintadas com óxidos de cobalto, de tom menos vivo, menos puro e utilizando decorações estereotipadas. Nestas sobressaem, por vezes, delicadas, e expressivas, representações florais ou motivos mitológicos integrados em métopas. Estas produções foram muito divulgadas na Europa pelo comércio português e, depois, pelo holandês que, a partir de Batavia, o substituiu nos inícios do século XVII (Beurdeley e Beurdeley, 1974, 171, 183, 186, 188, 200, 213, 271; Yeo e Martin, 1978, 32).

3. Conclusões

A enorme colecção de cerâmicas oferecidas pela escavação do poço-cisterna, almoada, de Silves, é testemunha não só de significativos aspectos da vida quotidiana dos portugueses ali residentes durante os séculos XIV a XVI, como reflecte a complexa trama comercial e cultural de então.

Muito embora Silves inicie um período de decadência subsequente à conquista cristã, manteve-se, até ao século XVI, capital do Algarve. Contudo, perde, com a fixação da fronteira junto ao Guadiana interesse estratégico do ponto de vista militar e, em termos comerciais, fica afastada das principais rotas, sobretudo dos novos centros de negócios e indústria que se localizaram, a partir do século XV, preferentemente na costa para aí receberem os produtos ultramarinos. Silves manteve no entanto, durante aquele período estratos populacionais com poder económico, com

os membros da administração, da Igreja e abastados agricultores, capazes de suportarem gastos com objectos sumptuários e de grande prestígio social. Encontram-se neste caso muitos dos artefactos metálicos e de vidro, assim como a grande maioria das cerâmicas importadas cujos fragmentos recolhemos. Estas, tiveram origem tanto nas oficinas de outras áreas do país, como da vizinha Espanha (Paterna, Manises, Sevilha), que fabricaram belas peças esmaltadas a verde, com decorações naquela cor, a azul e a rôxo, ou com ricos reflexos dourados, nas italianas e holandesas que forneceram as apreciadas majólicas, e na chinesas, de onde procederam a raras porcelanas descobertas.

Durante os séculos XIV e XV as cerâmicas exógenas descobertas provêm das oficinas valencianas, enquanto que ao século XVI foi possível não só atribuir peças àquelas oficinas e, provavelmente, a Sevilha, como às produções italianas, holandesas e chinesas. Contudo, as majólicas de origem italiana oferecem exemplares que abrangem todo o século XVI. Por outro lado, as majólicas norte-holandesas dataram-se na segunda metade daquele século. Por fim, as porcelanas chinesas, embora apresentem um largo espectro cronológico, oferecem maior número de exemplares de meados e dos finais do século XVI.

As cerâmicas agora dadas a conhecer pertencem, maioritariamente, a tipos utilizados como loiça de mesa. São excepção, o vaso de quarto, o cantil a albarela e a talha, assim como os alguidares. Estes e a maioria das cerâmicas comuns recolhidas no mesmo monumento fazem parte da loiça de cozinha.

Outra interessante hipótese reside na identificação de Silves como centro produtor de cerâmicas durante, pelo menos, os séculos XIV e XV. A este fabrico, que o Livro do Almoxarifado alude, foi possível atribuir algumas peças cuja tradição, técnica e formal, parece podermos remontar à Silves almoada dos séculos XII e XIII.

BIBLIOGRAFIA

- BERTI, F., 1983, *Il bleu graffito di Montelupo*, Atti dell XVI Convegno Internazionale della Ceramica, pp. 207-218, Albisola.
- BERTI, G., e TONGIORGI, E., 1985, *Ceramiche Importate della Spagna nell' Area Pisana dal XII al XV Secolo*, «Quaderni dell' Insegnamento di Archeologia Medievale della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Siena», n.º 6, 59 pp., 6 figs, X ests, Firenze.
- BEURDELEY, C., e BEURDELEY M., 1974, *La Céramique Chinoise*, Office du Livre, 318 pp., 159 ests, Friburgo.
- BOONE, J.L., 1984, *Majolica Escudillas of the 15th and 16th Centuries: A Typological Analysis of 55 Examples from Qsar es-Seghir*, «Historical Archaeology», vol. 18, pp. 79-86.
- CAIGER-SMITH, A., 1973, *Tin-glaze pottery in Europe and the Islamic World*, Faber & Faber, 236 pp., 33 figs, 189 ests, 9 mapas, London.
- CARVALHO, J.M.T. de, 1921, *Cerâmica Coimbrã no séc. XVI*, Imprensa da Universidade, 247 pp., Coimbra.

- CORREIA, V., 1918, *Documentos referentes a oleiros eborenses*, «Terra Portuguesa», ano 3º, p.77.
- DAOULATLI, A., 1980, *Céramiques andalouses à reflets métalliques découvertes à la Kasbah de Tunis*, La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe-XVe siècles, Valbonne 1978, Éditions du C.N.R.S., pp. 343-357, Paris.
- ELUM, P.L., 1986, *Origen y evolución de los grandes centros cerámicos: Manises y Paterna*, La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidentale, 1984, Edizioni All'Insegna del Sigillo, pp. 163-181, Firenze.
- FAGG, W.P., 1959, *Afro-Portuguese Ivories*, Batchworth Press, XXIV pp., 46 ests., London.
- GARNER, H., 1964, *Oriental Blue and White*, Faber and Faber, 86 pp., 100 ests., London.
- GOMES, R.V., 1987, *Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves*, Tese de Mestrado de História da Arte apresentada na U.N.L., vol. I, 258 pp., vol II, 212 pp., Lisboa.
- GOMES, R.V., e GOMES, M.V., 1984, *Cerâmicas importadas, dos séculos XV e XVI, encontradas no poço-cisterna árabe de Silves*, Actas do 3º Congresso Sobre o Algarve, vol. 1, pp. 35-44, Lisboa.
- 1986, *Cerâmicas estampilhadas muçulmanas e mudéjares do poço-cisterna de Silves*, «Trabalhos de Arqueologia», nº 3 (I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985), pp. 127-141, Lisboa.
- GUERREIRO, M.V., e MAGALHÃES, J. R., 1983, *Duas Descrições do Algarve do século XVI*, «Cadernos da Revista de História Económica e Social», nº 3, Livraria Sá da Costa Editora, 182 pp., 1 fig., Lisboa.
- HURST, J.G., 1986, *Late medieval Iberian pottery imported into the Low Countries*, II Coloquio Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental, Toledo 1981, pp. 347-351, Madrid.
- KEIL, L., 1942, *Porcelanas Chinesas do séc. XVI com inscrições em português*, «Boletim da Academia Nacional de Bellas-Artes», nº 10, pp. 18-69.
- KORF, D., 1962, *Nederlandse Majolica*, Uitgeversmaatschappij C.A.J. van Dishoeck, 111 pp., 157 figs, Bussum.
- LERMA, J.V., MARTÍ, J., PASCUAL, J., SOLER, M.P., ESCRIBÀ, F., e MESQUIDA, M., 1986, *Sistematización de la loza gótico-mudéjar de Paterna/Manises*, La Ceramica Medievale nel Mediterraneo Occidental, 1984, Edizioni All'Insegna del Sigillo, pp. 183-203, Firenze.
- MARTÍ, M.G., 1944, *Cerámica del Levante Español - Siglos Medievales*, Editorial Labor S.A., 666 pp., 751 figs, XXVIII ests, Barcelona.
- MORENO, H.B., LEAL, M.J.S., e DOMINGUES, J.D.G., 1984, *Livro do Almoxarifado de Silves (século XV)*, Câmara Municipal de Silves, 151 pp., Silves.
- MORLEY-FLETCHER, H., e MCILROY, R., 1984, *Christie's Pictorial History of European Pottery*, Phaidon-Christie's Ltd., 319 pp., 1377 figs, Oxford.
- MOTA, M.M., 1983, *China-Porcelana, A arte e a missão na rota do Oriente*, XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Presidência do Conselho de Ministros, pp. 231-244, Lisboa.
- PARVAUX, S., 1968, *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*, Presses Universitaires de France, 224 pp., 62 figs, XLVIII ests, Paris.
- PASCUAL, J., e MARTÍ, J., 1986, *La Ceramica Verde-Manganeso Bajo-Medieval Valenciana*, «Arqueologia» 5, Ajuntament de València, 167 pp., 95 figs, Valencia.
- POPE, J.A., 1981, *Chinese Porcelains from the Ardebil Shrine*, Sotheby Park Bernet Publications, 194 pp., 142 ests., Cambridge.
- RACKHAM, B., 1963, *Italian Maiolica*, Faber and Faber, 35 pp., 4+96 ests, London.
- RASMUSSEN, J., 1984, *Italianische Majolika*, Museum für Kunst und Gerverbe Hamburg, 346 pp., XVI ests, Hamburg.
- REDMAN, C.L., 1980, *Late medieval ceramics from Qsar es-Seghir*, La Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, Xe - XVe siècles, Valbonne 1978, Éditions du C.N.R.S., pp. 251, 263, Paris.
- 1986, *Qsar es-Seghir, An Archaeological View of Medieval Life*, Academic Press, 259 pp., London.
- REDMAN, C.L., e BOONE, J.L., 1979, *Qsar es-Seghir (Alcácer Ceguer): a 15th and 16th century Portuguese colony in North Africa*, «Studia», nºs. 41,42, pp. 5-50, 26 figs.
- SÁNCHEZ - PACHECO, T., 1981, *Paterna y Manises, Cerámica Esmaltada Española*, Editorial Labor, pp. 51-72, Barcelona.
- 1981a, Sevilla, *Cerámica Esmaltada Española*, Editorial Labor, pp. 93-108, Barcelona.
- SANTOS, L.R., 1960, *Cristóvão de Figueiredo*, Artis, 16 pp., 27 ests, Lisboa.
- SANTOS, R. dos, 1940, *Os Primitivos Portugueses (1450-1550)*, Academia Nacional de Belas-Artes, 39 pp., CLXII ests, Lisboa.
- 1956, *A Faiança do Século XVI nos Primitivos Portugueses*, «Panorama», nº 4, pp. 1-8.
- 1970, *Oito Séculos de Arte Portuguesa, História e Espírito*, Empresa Nacional de Publicidade, 480 pp., 608 figs, Lisboa.
- SCHJØLER, T., 1973, *Roman and Islamic Water-lifting wheels*, Odense University Press, 201 pp., 144 figs, 9 ests, Odense.

- SIMÕES, J.M. dos S., 1959, *Carreaux Ceramiques Hollandais au Portugal et en Espagne*, Martinus Nijhoff, 142 pp., XXXIX ests, La Haye.
- 1966, *Majólica Italiana do Paço de Vila Viçosa*, Fundação da Casa de Bragança, 108 pp., 49 ests, Lisboa.
- SOTHEBY P.B., 1979, *Catalogue of Fine Oriental Ceramics and Works of Art*, 154 pp., 203 figs, London.
- SOTHEBY P.B., BEURDELEY, M., e CRAWFORD, L., 1982, *Catalogue of the Edward T. Chow Collection, Part Three, Ming and Qing Porcelain and Works of Art*, 182 pp., 625 figs, London.
- SOTHEBY P.B., e CRAWFORD, L., 1979, *Catalogue of Important Chinese Ceramics and Works of Art*, 307 pp., 409 figs, London.
- 1981, *Catalogue of Fine Chinese Ceramics and Works of Art*, 202 pp., 910 figs, London.
- 1981a, *Catalogue of Important Chinese Ceramics, and Works of Art*, 315 pp., 418 figs, London.
- 1982, *Catalogue of Fine Chinese Ceramics and Works of Art*, 243 pp., 404 figs, Genève.
- VASCONCELLOS, C.M. de, 1921, *Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal*, Subsídios para a História da Arte Portuguesa, vol. II, Imprensa da Universidade, 90 pp., Coimbra.
- WATSON, W.M., 1986, *Italian Renaissance Maiolica from the William A. Clark Collection*, Scala Books, 192 pp., London.
- WILSON, T., 1987, *Ceramic Art of the Italian Renaissance*, British Museum Publications, 192 pp., 276 figs, London.
- YEO, S.T., e MARTIN, J., 1978, *Chinese Blue & White Ceramics*, Arts Orientalis, 315 pp., 198 ests, Singapura.
- ZOZAYA, J., 1969, *El comercio de Al-Andalus con el Oriente: Nuevos datos*, «Boletín de la Asociación Española de Orientalistas», ano IV, pp. 191-201.